

A pesquisa de Ernesto Bozzano **confirma e completa a Codificação Espírita**



Ernesto Bozzano, pesquisador italiano

Paulo Neto

A pesquisa de Ernesto Bozzano confirma e completa a Codificação Espírita

“É dever do investigador abster-se completamente de qualquer sistema de teorias, até que ele tenha reunido um número de fatos suficientes para formar uma base sólida sobre a qual ele possa raciocinar.” (CAMILLE FLAMMARION)

Paulo Neto

Copyright 2025 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://www.grupofeller.com.br/single-post/
2019/11/11/ernesto-bozzano](https://www.grupofeller.com.br/single-post/2019/11/11/ernesto-bozzano)

Revisão:

Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, junho/2025.

Agradecimento

Agradecemos aos amigos

Ari Vilela

Artur Felipe Ferreira

Fabiano Nunes Braga

Fernando Luís Costa Lemos

Francisco Rebouças

Júlio César Moreira

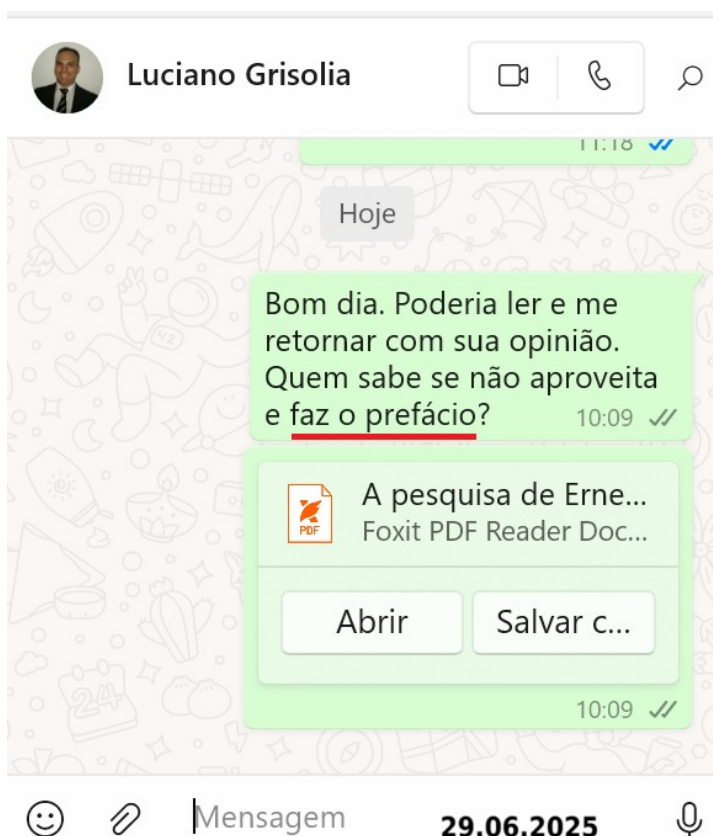
Shirley de Siqueira

pela avaliação e sugestões apresentadas
visando à melhoria do texto e argumentos.

Sumário

Prefácio.....	5
Introdução.....	6
Dados biográficos e informações sobre o pesquisador.....	7
Opinião de espíritas renomados.....	13
Orientações de Allan Kardec.....	22
Pesquisa de Bozzano em <i>A Crise da Morte</i>	32
1) Encontro com parentes e amigos.....	38
2) Construções e/ou ambiente terreno espiritualizado.....	43
3) Umbral/trevas.....	80
4) Força organizadora ou ideia diretriz.....	92
5) Perispírito e órgãos.....	94
6) Perispírito e cordão fluídico.....	97
7) Rejuvenescimento.....	98
8) Espíritos não se reproduzem.....	103
9) Visão panorâmica ou retrospectiva da vida.....	103
10) Incorporação (posseção).....	106
11) Lei de atração: semelhante atrai semelhante.....	107
12) Esferas espirituais.....	109
Pesquisa de Bozzano em <i>Os Animais Têm Alma?</i>	117
Conclusão.....	139
Referências bibliográficas.....	143

Prefácio



Introdução

Sim, caro leitor, por tudo que, até o presente, vimos nas diversas obras do pesquisador italiano Ernesto Bozzano (1862-1943) acreditamos que suas investigações têm elementos suficientes para afirmar que, de fato, elas confirmam alguns temas que constam da Codificação Espírita, elaborada por Allan Kardec (1804-1869). E se nos permite, ousamos até dizer que, em certo ponto, a completa, porquanto avança em vários detalhes não constantes dela.

Infelizmente, no movimento espírita brasileiro, percebemos que o nosso personagem é bem um ilustre desconhecido. Referências a seu nome ou às suas obras só aparecem em um seleto grupo de espíritas com profundo conhecimento da Codificação.

Em razão disso, transparece-nos ser essa a condição necessária para ter como avaliar a sua importância e o profícuo trabalho a favor do Espiritismo desse pesquisador italiano.

Dados biográficos e informações sobre o pesquisador

Certamente, é necessário apresentá-lo ao público leitor. Em razão disso veremos algumas de suas biografias para se ter ideia de quem era e que importância ele tem para a Doutrina Espírita.

Em “**Ernesto Bozzano: Relação cronológica de suas principais obras**”, o escritor Carlos Bernardo Loureiro (1942-2006) disse a respeito dele:

Ernesto Bozzano nasceu em Savona, província de Gênova, na Itália, no ano de 1862, e desencarnou em Gênova a 24 de junho de 1943. ⁽¹⁾

Desde cedo interessou-se viva e precocemente por assuntos ligados à Filosofia, à Psicologia, à Astronomia, às Ciências Naturais e à Parapsicologia.

Após o estudo do livro de Aksakof ⁽²⁾ principiam verdadeiramente as suas investigações metódicas no campo da “ciência da alma”.

Compreende imediatamente a sua grande complexidade e sente a necessidade de

penetrá-la até aos seus alicerces, de esquadriñar as suas origens, estudá-la na história dos povos civilizados e na dos povos selvagens e proceder pessoalmente a experiências com numerosos médiuns.

A lógica irresistível dos fatos fará dele um dos defensores mais ardentes, mais autorizados, mais prestigiosos da tese espírita.

Lê primeiro as obras de Allan Kardec, Gabriel Delanne, Léon Denis, Eugène Nus, William Crookes, A. Russel Wallace, D. D. Home, Du Prel, e adquire as principais obras inglesas e americanas publicadas desde a origem do movimento.

Vai catalogando o conteúdo dessas obras por meio de um classificador alfabético, método precioso e prático que empregará durante toda sua vida.

Adquire assim uma cultura sólida e só depois considera que chegou o momento de pôr frente a frente os seus conhecimentos teóricos com as pesquisas experimentais.

Com alguns amigos, funda em Gênova a primeira Sociedade de Estudos Psíquicos: o *Círculo Científico Minerva*, onde **faz experiências desde 1891 a 1906**. Esse Círculo promove, **durante quatro anos, magníficas pesquisas, nas quais os experimentadores registram manifestações de toda espécie**: pancadas, movimento de objetos, transportes em plena

luz e, além disso, provas de identificação espírita.

Também durante três anos faz experiências com a médium Eusápia Paladino. Obtém, especialmente, em companhia dos professores Morselli e Porro, materializações completas de fantasmas em plena luz e estando, ainda, o médium visível ao mesmo tempo.

Durante toda a sua vida, Bozzano prossegue nas suas numerosas experiências e leituras.

Durante meio século de investigações severas, nada parece indigno de uma análise atenta a esse homem de inteligência prodigiosa.

Lê os livros e revistas publicadas em todo o mundo, que versam o assunto que o apaixona. Anota todos os casos interessantes, classifica todos os fatos, dividindo-os em categorias, grupos, subgrupos, e mantém cuidadosamente em dia um quadro geral das matérias.

Esse homem infatigável dispôs assim de uma antologia extraordinária – única, porque só ele efetuou trabalho semelhante – de 1.200 classificações de fatos produzidos em todo o mundo; antologia na qual se encontram registrados todos os fenômenos supranormais e rigorosamente controlados, obtidos experimentalmente ou espontaneamente produzidos desde o

início do movimento espírita até os nossos dias, isto é, durante 100 anos. ⁽³⁾ (Nas transcrições e no texto normal, todos os grifos em negrito são nossos; quando não forem, avisaremos.)

Nesse artigo, o autor Carlos Bernado Loureiro apresenta uma lista de 100 obras escritas por Ernesto Bozzano. Quantidade que, seguramente, o coloca entre os mais profícuos escritores espíritas pós-Codificação. Ou, quem sabe, se não seria melhor dizer pesquisadores espíritas?

Completamos com esta informação constante na breve biografia de Ernesto Bozzano publicada no site da editora **Lachâtre**:

Em 1891, já considerado um jovem sábio, com sólida formação positivista, **converteu-se ao espiritismo**, após a leitura das obras de Alexander Aksakof. A partir daí, entregou-se apaixonadamente ao estudo da doutrina. Em busca da verdade, **trabalhou com mais de setenta médiuns, formando um grupo experimental de pesquisa, integrado por importantes cientistas da época.** ⁽⁴⁾

A partir de seus 30 anos de vida até a sua

morte, dedicou-se à pesquisa dos fenômenos espíritos, ou seja, pouco mais de meio século.

Para encerrar, vejamos em **Fenômenos de Transporte**, em “Nota da Editora”, no caso Edições FEESP, o seguinte trecho:

Ernesto Bozzano **foi um dos mais eruditos sábios dos últimos tempos**. [...].

Dado o seu inusitado interesse pelo estudo do Espiritismo, em cujo afã dedicou metade de sua profícua existência de 81 anos, **mereceu o cognome de “Grande Mestre da Ciência da Alma”**. **Trabalhando catorze horas diárias, durante cinquenta e dois anos**, elaborou um estudo que se fosse enfeixado num livro de tamanho médio, **resultaria num volume de 15.000 páginas**. Para colimar seus estudos **contou com o concurso valioso de 76 médiuns**, tendo ainda deixado nove monografias inconclusas.

Com apenas 16 anos de idade, Bozzano já se interessava por temas abrangendo assuntos filosóficos, psicológicos, astronômicos, ciências naturais e paleontológicas. Além disso, desde a sua juventude, sentia inusitada atração para os problemas da personalidade humana, principalmente os que conduziam às causas dos sofrimentos, a finalidade e a razão da vida humana.

O seu nome alcançou notável projeção internacional, tendo sido escolhido como Presidente de Honra do V Congresso Espírita Internacional, realizado em Barcelona, Espanha, de 1.º a 10 de setembro de 1934.

Conforme notícia estampada no famoso jornal inglês “*Two Worlds*”, em sua edição de maio de 1939, **os espíritas britânicos ofereceram-lhe belíssima medalha de ouro**, tendo em uma de suas faces uma figura simbólica segurando uma coroa de louro na mão direita, com a divisa latina *Aspera ad Astra* e, na outra face uma legenda cuja tradução é a seguinte: “*Ao Grande Mestre da Ciência da Alma, Ernesto Bozzano, que abriu novos horizontes à humanidade sofredora, seus amigos e admiradores*”.

Bozzano **foi intransigente defensor do Espiritismo**, tendo tomado a incumbência de tamanha relevância, após estudá-lo minuciosamente. ⁽⁵⁾ (itálico do original)

Eis aí, caro leitor, o notável currículo do professor de Filosofia da Ciência, na Universidade de Turim, nomeado membro honorário das instituições: *Society for Psychical Research* (SPR), *American Society for Psychical Research* (ASPR) e *Institut Métapsychique International* (IMI) ⁽⁶⁾.

Opinião de espíritas renomados

Nos parágrafos iniciais do “Prefácio” da obra de sua autoria intitulada **Fenômenos de “Transporte”** (1931), o jornalista Deolindo Amorim (1906-1984) informa que:

Ernesto Bozzano é ainda, sem a menor dúvida, **a maior expressão espírita nos dias que correm**. Falecido já há alguns anos, **o grande mestre italiano continua a ser o autor mais citado na literatura espírita contemporânea no campo da fenomenologia**.

É verdade que nenhum dos **grandes autores espíritas**, de Crookes a **Bozzano**, de Flammarion a Geley, destruiu o cerne da obra de Allan Kardec. Terminologia nova, **interpretações mais desenvolvidas até certo ponto, eis o que se tem notado, depois de Kardec, mesmo porque todo ramo de conhecimento recebe enriquecimentos com a marcha dos anos**. No fundo, porém, no que diz respeito aos princípios gerais do Espiritismo, nenhum Autor, da Terra ou do Além, sobrepujou a codificação de Kardec.

Ernesto Bozzano trouxe inestimável contribuição à ciência espírita. Basta dizer que os trabalhos de Bozzano são sempre uma fonte universal. **Não se pode atualmente discutir a ciência espírita, sem, depois de conhecer a obra de Kardec, citar Bozzano. Seus livros são considerados clássicos em matéria espírita.** ⁽⁷⁾

O editor italiano Gastone de Boni (1908-1986), foi quem *“herdou a substancial biblioteca do pesquisador psíquico”* ⁽⁸⁾, no “Prefácio” intitulado “Vida e Obra de Ernesto Bozzano no Cinquentenário de Sua Atividade Metapsíquica”, datado de setembro de 1941, da obra ***Povos Primitivos e Manifestações Supranormais***, informa que:

[...] Naquele momento – ano de 1891 – inicia-se **o grande e fecundo trabalho** do nosso autor, por meio do qual, **através de cinquenta anos de pacientíssimas pesquisas, conseguiu demonstrar, sob dados de fato sem possibilidade de objeção, a sobrevivência humana e a comunicação dos mortos com os vivos.** ⁽⁹⁾
(grifo do original)

O saudoso Dr. Ary Lex (1916-2001), em **Do Sistema Nervoso à Mediunidade** (1993), no capítulo “V - Animismo e Espiritismo - As mistificações”, após citar Charles Richet (1850-1935) e Gustave Geley (1865-1924), continua...

Seguiu-se um período em que grandes cientistas e filósofos de vários países se entregaram aos estudos desses fenômenos, que foram chamados de “supranormais”. Não é oportuno citarmos trechos dos numerosos livros que foram publicados a respeito, desses fatos, nem mesmo lembrarmos todos os nomes de grandes cientistas de vários países que estudaram os fenômenos supranormais. Alguns deles, como William Crookes, Wallace, Crawford (ingleses), **Ernesto Bozzano (italiano)** e Zoelner (alemão), se renderam à evidência Espírita. Entretanto, os que reconheciam a veracidade dos fatos, mas não se haviam convencido totalmente, ou não tinham a coragem de se intitularem Espíritas, ficaram com o rótulo de “metapsiquistas”. ⁽¹⁰⁾

O escritor Carlos Imbassahy (1884-1969), em **A Missão de Allan Kardec** (1957), explica:

Ernesto Bozzano, para citar **um consciencioso pesquisador**, fez a análise de cada caso particular e um estudo do conjunto; examinou o problema por todas as suas faces, verificou o entrosamento dos fenômenos, **revidou aos adversários em perto de setenta monografias e deixou provada a ineficácia de todas as razões apresentadas**. Nas suas monografias ficou patente, **sulla base dei fatti [com base nos fatos]**, que a tese espírita se impunha; que só o morto poderia ser o autor do fenômeno espírita e que a comunicação dos mortos estava absolutamente demonstrada. **Contra essa demonstração nada vimos até agora; a última palavra foi a do eminente filósofo.**
(¹¹)

O pesquisador Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), em **A Matéria Psi** (1971), respondendo à pergunta *“Dos cientistas espíritas qual deles você tem maior estima no passado e no presente?”*, disse:

Do passado, presto minhas homenagens, a todos os **grandes vultos da metapsíquica**, como William Crookes, Charles Richet, **Ernesto Bozzano**, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Gustave Geley e outros que não anúncio para não roubar

espaço. ⁽¹²⁾

Em ***Perispírito o Que os Espíritos Disseram a Respeito*** (2009), Geziel Andrade esclarece:

Portanto, o **emprego do método criado por Allan Kardec**, e também aplicado, com sucesso por Léon Denis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, **Ernesto Bozzano**, dentre muitos outros **estudiosos do Espiritismo**, inclusive em épocas mais recentes, garantiu-nos uma ampla visão das propriedades, das características e das particularidades do perispírito. ⁽¹³⁾

Na sua volumosa obra intitulada ***Perispírito*** (2000), o professor Zalmir Zimmermann (1931-2015) tece a seguinte consideração:

Respeitáveis pesquisadores – entre eles, Albert de ROCHAS D'Aiglun, investigador pioneiro e audaz, e **Ernesto BOZZANO**, **notável metapsiquista italiano** – examinaram e documentaram o fenômeno, produzindo provas irrefutáveis de sua ocorrência e enriquecendo os anais científicos com informações sobre fatos cuja explicação inteira só agora começa a surgir. ⁽¹⁴⁾

Do capítulo “Os segredos do túmulo”, da obra **À Luz do Consolador** (1997), de autoria da médium Yvonne A. Pereira (1900-1984), ressaltamos:

Temos recebido cartas de aprendizes da Doutrina Espírita tratando de um ponto doutrinário dos mais melindrosos, que alarma o leitor iniciante quando não bem esclarecido. É de notar, porém, que, com tantos **livros excelentes, existentes na bibliografia espírita**, como os livros assinados por um Allan Kardec, um Léon Denis, **um Ernesto Bozzano**, um Gabriel Delanne, um Conan Doyle, um Alexandre Aksakof **e tantos outros de idêntico renome**, há quem se embrenhe em dúvidas incomodativas sobre pontos que, comumente, **acarretam erros de interpretação** que o impedem de distinguir o verdadeiro do falso. **Está-nos a parecer, pois, que determinados leitores desprezam o verdadeiro estudo doutrinário**, preferindo aceitar o Espiritismo por ouvirem dele falar. **Depreende-se, então, que as obras de base, dos variados autores citados, nunca foram consultadas, ou o foram superficialmente, o que é lamentável e quiçá prejudicial ao prestígio da própria Doutrina.** [...].

[...].

Compreende-se, pois, que o indivíduo de vida normal (não precisa nem mesmo ser

abnegado) tem o despertar mais ou menos tranquilo na vida espiritual; que somente os criminosos, os sensuais, que viveram da matéria e para a matéria, certos tipos de suicidas e vítimas de outras mortes violentas passam pelos penosos fenômenos acima citados. Salvo exceções que somente o conhecimento minucioso do processo pode explicá-las. Por sua vez, **o genial analista Ernesto Bozzano, em suas preciosas monografias *A crise da morte e Fenômenos psíquicos no momento da morte*, esclarece de modo insofismável o assunto**, dando-nos a compreender que **o despertar do indivíduo de caráter normal, em além-túmulo, é tranquilo, e até feliz**, e que, portanto, o abnegado, sendo superior ao normal, certamente melhor ainda terá o seu despertar... a menos que se trate de um refinado hipócrita que enganou o mundo e pretendeu enganar também a Deus. ⁽¹⁵⁾

No livro digital ***O Que Desejamos Fazer do Espiritismo*** (2015), o autor Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013) esclarece:

A partir de *O livro dos médiuns*, Kardec passa a explorar áreas de conhecimento que, a seu ver, precisavam de uma leitura espírita, a fim de ampliar as fronteiras da doutrina dos espíritos. Isto se evidencia

com clareza em títulos explícitos, como em *O evangelho segundo o espiritismo* e em *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Implicitamente, porém, está nessa mesma categoria o próprio *O livro dos médiuns*, que trata da mediunidade segundo o espiritismo, e o céu e o inferno como visão espírita da realidade póstuma.

Atitude semelhante adotaram seus **continuadores imediatos** – Gabriel Delanne, Léon Denis, Alexandre Aksakof, **Ernesto Bozzano**, Paul Gibier, Camille Flammarion e outros.

A tarefa continuaria, já em nosso tempo, com a série André Luiz, que demonstrou mais uma vez que se pode (e se deve) empreender esse tipo de exploração atualizadora e renovadora sem prejuízo para a essência da doutrina dos espíritos; pelo contrário, mantendo-a intacta, confirmando-a e enriquecendo-a sobremaneira. ⁽¹⁶⁾

A essência do conhecimento sobre a realidade espiritual está à nossa disposição nas estruturas doutrinárias, mas temos de entender que a busca em torno desses preceitos nucleares não termina com aquela etapa de trabalho; ao contrário, começa ali.

Foi o que ele, **Kardec, fez do espiritismo, como também o fizeram seus continuadores imediatos** – Denis, Delanne, Aksakof, **Bozzano**, Geley – e outros tantos que a estes sucederam ao longo de quase

Não poderíamos deixar de trazer essas informações a respeito do nosso personagem, pois, conforme o dissemos, no movimento espírita brasileiro da atualidade, ele é um ilustre desconhecido. É visível a qualquer um que os poucos escritores que citam suas obras, via de regra, são os pesquisadores mais experientes e os autores da “melhor idade”.

Orientações de Allan Kardec

Embora já tenhamos citado estas duas falas do Codificador por “milhares” de vezes, julgamos bem oportuno que as relembremos:

a) **Revista Espírita 1867**, mês de abril, artigo sobre “Moinho de Vicq-sur-Nahon”:

[...] **estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível**, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. **Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores**. O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias**. Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta

causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...]. ⁽¹⁸⁾

b) **Revista Espírita 1868**, mês de dezembro, no artigo “Constituição Transitória do Espiritismo”:

Se bem que o Espiritismo não haja dito ainda a sua última palavra sobre todos os pontos, ele se aproxima de seu complemento, e o momento não está longe em que lhe será necessário dar uma base forte e durável, **suscetível, no entanto, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportarem**, e dando toda segurança àqueles que se perguntam quem lhe tomará as rédeas depois de nós. ⁽¹⁹⁾

Portanto, fica provado que o Codificador, com todas as obras que publicara, não colocou um ponto final na revelação espírita – ao contrário, abriu espaço para posteriores acréscimos por estudiosos e pesquisadores que viriam após ele.

Descobrimos algo novo, que vem somar a isso.

Do comentário de Allan Kardec a respeito da mensagem “Estudo sobre a mediunidade”, publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, de autoria de Georges, destacamos:

[...] **O progresso da ciência espírita, que se enriquece cada dia, de novas observações**, nos mostra a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se supunha, estão submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. **Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo;** mas, como hábeis professores, **à medida que as ideias se desenvolvem, entram em maiores detalhes, e revelam os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos, e teriam feito confusão em nosso pensamento.** ⁽²⁰⁾

Vemos que, para o Codificador, um caráter da revelação espírita, é que *“apoando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação”* ⁽²¹⁾.

Além disso, ele deixou bem claro que os Espíritos, como *“hábeis professores”* sempre

“dosaram” as informações, jamais divulgaram uma revelação prematura. Todas elas vieram no tempo certo, após terem sido assimilados os conhecimentos já ensinados e conexos com os novos.

Para reforçar o pensamento de Allan Kardec, vale a pena lembrar que ele argumentara que *“As ideias novas não frutificam senão quanto a terra está preparada para recebê-las.”* ⁽²²⁾ e ainda que *“As ideias prematuras abortam, porque não se está maduro para compreendê-las.”* ⁽²³⁾

No artigo “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, publicado em ***Obras Póstumas***, lemos:

Até ali, as sessões em casa do Sr. Baudin nenhum fim determinado tinham tido. **Tentei lá obter a resolução dos problemas que me interessavam, do ponto de vista da Filosofia, da Psicologia e da natureza do mundo invisível. Levava para cada sessão uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. Eram sempre respondidas com precisão, profundidade e lógica. A partir de então, as sessões assumiram caráter muito diverso.** Entre os assistentes contavam-se pessoas sérias, que tomaram por elas vivo interesse e, se me acontecia faltar, ficavam sem saberem o que

fazer. As perguntas fúteis haviam perdido, para a maioria, todo atrativo. Eu, a princípio, cuidara apenas de instruir-me; mais tarde, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a ideia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente. Foram aquelas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, constituíram a base de *O Livro dos Espíritos*.

No ano seguinte, em 1856, frequentei ao mesmo tempo as reuniões espíritas que se celebravam à rua Tiquetone, em casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, sonâmbula. Eram sérias essas reuniões e se realizavam com ordem. As comunicações eram transmitidas por intermédio da Srta. Japhet, médium, com auxílio da cesta de bico.

Estava concluído, em grande parte, o meu trabalho e tinha as proporções de um livro. Eu, porém, **fazia questão de submetê-lo ao exame de outros Espíritos, com o auxílio de diferentes médiuns**. Lembrei-me de fazer dele objeto de estudo nas reuniões do Sr. Roustan. Ao cabo de algumas sessões, **disseram os Espíritos que preferiam revê-lo na intimidade** e marcaram para tal efeito certos dias nos quais **eu trabalharia em particular com a Srta. Japhet**, a fim de fazê-lo com mais calma e também de evitar as indiscrições e os comentários prematuros do público.

Não me contentei, entretanto, com essa

verificação; os Espíritos assim mo haviam recomendado. Tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava ocasião **eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho.** Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes retocadas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, entregue à publicidade em 18 de abril de 1857. ⁽²⁴⁾

Em resumo, as questões de *O Livro dos Espíritos* foram propostas a vários Espíritos, daí, após análise e comparação, é que foram levadas para a obra.

Na 2ª edição de ***O Livro dos Espíritos***, publicada em março de 1860, Allan Kardec insere o “Aviso sobre esta nova edição”, do qual transcrevemos:

Esta reimpressão pode, pois, ser considerada obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma alteração, salvo

pequeníssimo número de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios emitidos, **a despeito da diversidade das fontes em que os recolhemos**, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. **Nossa correspondência nos mostra claramente que comunicações idênticas em todos os pontos, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso mesmo antes da publicação do nosso livro, o qual veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular.** A História, por sua vez, comprova que a maioria desses princípios foi professada pelos mais eminentes homens dos tempos antigos e modernos, trazendo a eles, desse modo, a sua sanção.

O ensino relativo às manifestações propriamente ditas, e aos médiuns, forma, de certo modo, uma parte distinta da filosofia, podendo ser objeto de um estudo especial. **Havendo tal parte recebido desenvolvimentos bastante consideráveis em consequência da experiência adquirida**, julgamos por bem-fazer dele um volume distinto, o qual contém as respostas *dadas a todas as questões relativas às manifestações e aos médiuns*, bem como numerosos comentários sobre o *Espiritismo prático*. Essa obra será a continuação ou o complemento de *O livro dos espíritos*. ⁽²⁵⁾
(itálico do original)

O Codificador esclarece ter usado diversas fontes obtidas em diferentes localidades e provindas de diferentes médiuns, para “dobrar” as questões da 1ª edição ao publicar a 2ª. Por outro lado, é nítido que “os fatos”, foram fator importantíssimo para o desenvolvimento dos princípios do Espiritismo. Como exemplo, apresentamos estes três momentos:

a) *O Livro dos Espíritos*: “**Os fatos**, eis o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem sensato.” (26)

b) *Revista Espírita* 1859: “contra **os fatos**, é preciso, necessariamente, abaixar as armas.” (27)

c) *Revista Espírita* 1865: “**Os fatos** são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados.” (28)

Foram exatamente os fatos que o levaram a mudar profundamente a resposta dos Espíritos quanto à questão da posse física de um encarnado.

Em *O Livros dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, eles disseram não haver “posse física do

corpo de um encarnado” (29), só que diante do caso dos possesos de Morzine e no da Srta. Julie, ou seja, diante desses dois fatos, que foram registrados na *Revista Espírita*, Allan Kardec passou a aceitar, razão pela qual manifestou essa nova posição na obra *A Gênese* (30), como qualquer estudioso do Espiritismo bem o sabe, os “superficiais” não tem a menor noção disso.

Retornando ao artigo “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, de **Obras Póstumas**, para deste destacar estes dois importantes segmentos:

1º) [...] Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, **o método experimental**; nunca elaborei teorias preconcebidas; **observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos**, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. (31)

2º) [...] Compete ao observador formar o conjunto, por meio dos documentos colhidos de diferentes lados, **coleccionados, coordenados e comparados uns com outros**. Conduzi-me, pois, com os Espíritos, como houvera feito com homens. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar e não *reveladores predestinados*.

Tais as disposições com que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. **Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui.** ⁽³²⁾ (itálico do original)

Quem já teve a oportunidade de estudar as obras de Ernesto Bozzano viu que ele seguiu exatamente o método pelo qual Allan Kardec se utilizou para desenvolver os princípios da Doutrina Espírita, conforme exposto nas transcrições acima.

Pesquisa de Bozzano em *A Crise da Morte*

Inicialmente, julgamos ser preciso informar que a edição de *A Crise da Morte* publicada pela FEB – Federação Espírita Brasileira contém dezessete casos, enquanto a original em italiano – *La Crisi Della Morte* – são na quantidade de trinta.

Não temos a menor ideia da razão disso, apenas julgamos falta de respeito ao leitor o não ter sido informado sobre isso, enquanto a ética recomenda a publicação do livro por inteiro, tal como feito pela Editora Maltese, sediada em São Paulo (SP).

Entendemos ser interessante citar o primeiro parágrafo da Introdução de ***A Crise da Morte***:

Conforme já tive oportunidade de declarar repetidas vezes, **há alguns anos venho me dedicando à investigação das principais coletâneas de “revelações transcendentais”, aplicando a estas os procedimentos científicos da análise**

comparada e da convergência das provas, e obtendo assim resultados não apenas inesperados, como também muito importantes. **De fato, das investigações empreendidas surge a prova de que as abundantes informações conseguidas mediunicamente a respeito do ambiente e da existência espirituais concordam admiravelmente entre si, no que se refere às informações de ordem geral.** Estas são também as únicas que se exigem a fim de se concluir a favor da gênese extrínseca das revelações em questão, pois **as aparentes divergências de ordem secundária que se encontram nas próprias revelações derivam claramente de causas múltiplas, perfeitamente perceptíveis e plenamente justificáveis.** Acrescento a esse respeito que algumas categorias dessas presumidas divergências contribuem de uma maneira bastante eficaz para fornecer uma clara visão sintética sobre as formas com que se manifesta a existência espiritual, uma vez que parecem determinadas pelas condições psíquicas específicas de cada personalidade de desencarnado que entra em comunicação.
(³³)

Um pouco mais à frente, completa:

[...] Portanto, seria mais prático aproveitar o **imenso material** que se acumulou nesses últimos anos sobre **revelações transcendentais**, para **empreender-lhe uma**

severa seleção, classificá-lo, analisá-lo, compará-lo, tendo-se o cuidado de obter informações a respeito dos conhecimentos específicos de cada médium com relação às doutrinas espíritas. Bem, **essa era a tarefa a que eu me havia proposto realizar com as minhas laboriosas pesquisas, às quais já dediquei diversos anos de trabalho.** Entretanto, observando que o volume do material reunido, e em parte comentado, assumia proporções tais que impediriam a sua publicação, julguei aconselhável limitar-me a um ensaio dos resultados obtidos, expondo um número adequado de “mensagens transcendentais” relativas **às impressões sentidas no momento da entrada no mundo espiritual pelas personalidades dos desencarnados** que se comunicaram, mas tendo ao mesmo tempo o cuidado de alertar que esta seção do livro, relatando aquelas mensagens, embora seja teoricamente interessante e sugestiva, não é a mais eficaz para demonstrar a tese aqui defendida – a das concordâncias existentes entre os dados fornecidos pelos desencarnados sobre a existência espiritual – e não é a mais eficaz nesse sentido, pois sendo esta uma simples parte inicial do tema, seção em **que se expõem episódios sobre os quais são exercidos, com plena eficiência, os efeitos da “lei de afinidade”, deriva dela que cada espírito desencarnado deve gravitar necessariamente rumo àquele estado**

espiritual com o qual se identifica com o grau de evolução psíquica alcançado como consequência do trânsito da existência encarnada; isso não pode determinar diferenças muito consideráveis nas narrações que chegam até nós, feitas pelos desencarnados acerca da sua primeira entrada no plano espiritual. **De qualquer maneira, veremos que tais divergências ocorrem unicamente nos detalhes secundários**, tanto pessoais como de ambiente, jamais, porém, nas correspondentes condições de ordem geral.

(³⁴)

E no último parágrafo, antes de apresentar os casos, explica:

Passando para a exposição dos casos citarei, antes de mais nada, alguns episódios extraídos de obras dos primeiros pesquisadores, a fim de deixar bem claro que desde os primórdios do movimento espiritualista já **se conseguiam mensagens mediúnicas em que eram descritos o ambiente e a existência espirituais em termos idênticos aos que se conseguem hoje em dia**, e isso apesar de a mentalidade dos médiuns da época ser dominada pelas concepções tradicionais a respeito do paraíso e do inferno e, conseqüentemente, de estar bem longe de alimentar expectativas de receber **mensagens de desencarnados que**

afirmassem que o mundo espiritual era o mundo terreno espiritualizado. ⁽³⁵⁾

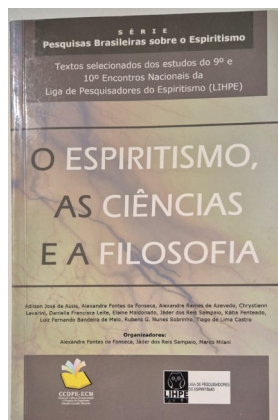
Em “Conclusões”, tópico que encerra seu livro **A Crise da Morte**, Ernesto Bozzano apresentando suas considerações finais, as inicia dizendo:

No vasto e muito importante ramo da metapsíquica, em que se estuda o tema das “revelações transcendentais”, tudo ainda está por fazer-se, do ponto de vista da investigação científica do imenso material que já foi recolhido. As prevenções de todos – assim dos opugnadores, como dos espíritas – oriundas de superficial conhecimento do assunto, haviam impedido até aqui um trabalho útil, nesse sentido. A presente obra é o primeiro ensaio analítico destinado a demonstrar o valor intrínseco, positivamente científico, deste ramo da metapsíquica, injustamente desprezado. ⁽³⁶⁾

Eis aí a maneira científica – análise comparada e convergência das provas – com a qual o pesquisador Ernesto Bozzano se baseou para realizar sua investigação sobre as “revelações transcendentais”. Acreditamos, que poucos adeptos do Espiritismo sabem que, além de dedicado espírita, foi um pesquisador científico por excelência.

Ademais, não podemos deixar de ressaltar que, a nosso sentir, essa pesquisa realizada por Ernesto Bozzano também tem como base o Controle Universal, daí a sua importância para nós.

No capítulo “Geografia(s) do mundo espiritual”, constante da Parte 2: Ciências Humanas e Naturais da obra **O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia** (2014), contendo textos selecionados dos estudos do 9º e do 10º



Encontros Nacionais da Liga de Pesquisadores do Espiritismo (ENLIHPE) ⁽³⁷⁾, no tópico “O mundo Espiritual Segundo Ernesto Bozzano”, o autor Chrystiann Lavarini afirma que:

A obra “**A Crise da Morte**”, elaborada em 1926 pelo eminente pesquisador espírita Ernesto Bozzano, é uma exceção frente as diversas psicografias não validadas por métodos de investigação. [...].

Por ser o resultado da **Análise Comparada dos relatos de dezessete** ⁽³⁸⁾ Espíritos em condições medianas, muitos deles obtidos no

período do surgimento do Espiritismo, **esta obra assemelha-se, em termos metodológicos, ao modelo de pesquisa utilizado por Allan Kardec na elaboração da Doutrina dos Espíritos** ⁽³⁹⁾. ⁽⁴⁰⁾

O autor Chrystiann Lavarini corrobora o que pensamos sobre as pesquisas de Ernesto Bozzano.

Listaremos alguns tópicos que surgem do estudo de **A Crise da Morte** e que convergem ao que, atualmente, sabemos de certos detalhes dos princípios doutrinários. Inclusive, alguns deles aparecem em mais de um tópico.

1) Encontro com parentes e amigos

a) Caso VII:

[...] Entretanto, não demorei a me dar conta de que eu estava em condições de cansaço profundo; e eis que **vem a meu encontro a mamãe, com outros espíritos**, entre os quais um que me disse ser o meu espírito-guia. **Mamãe me conduziu a um lugar onde eu tinha de parar, descansar, dormir a fim de me revigorar pela absorção de energia espiritual.** [...]. ⁽⁴¹⁾

b) Caso XIX:

P. Pode me dizer alguma coisa a respeito das condições do momento em que desencarnou?

R. As condições da minha morte ocorreram sem nenhum tipo de sofrimento. De repente, **vi-me envolvido por pessoas muito queridas e mortas há muito tempo, entre as quais estavam a minha mãe, o meu pai e numerosos outros seres amados.** ⁽⁴²⁾

c) Caso XX:

[...] **A estrada estava povoada de espíritos** que eu conseguia ver perfeitamente. Eram em tudo semelhantes a mim e ao meu 'anjo da guarda', que se vestia de branco e era majestosamente lindo. Depois de algum tempo deixamos a estrada elevando-nos rapidamente para cima, até que chegamos em **ambiente espiritual, onde encontrei muitos amigos desencarnados** que me ensinaram as primeiras normas a serem seguidas no mundo espiritual. [...]. ⁽⁴³⁾

“Quando o espírito levanta-se do corpo, **é recebido e assistido pelos familiares e pelos amigos mais queridos.** Algumas vezes, entretanto, antes que isso aconteça, há um intervalo de tempo mais ou menos longo, e este foi o meu caso. [...]. ⁽⁴⁴⁾

“... Há desencarnados que, pelas condições em que se dá a passagem, **encontram-se momentaneamente atirados e sozinhos em um mundo desconhecido e estranho**, o que lhes causa uma certa sensação de medo, por pensarem na possibilidade de se deparar com algum ser hostil. Ora, é **nestas circunstâncias que intervêm os seus ‘anjos da guarda’**, dos quais já tive oportunidade de falar. Pelo que me foi dado verificar, **esses ‘mensageiros do amor’ interferem em favor de todos os recém-chegados ao mundo espiritual, no sentido de que não há distinção entre bons e maus. Todos os espíritos que desencarnam são assistidos pelos seus ‘anjos da guarda’**, com a diferença de que os maus não os percebem. Apenas os desencarnados normalmente bons podem aproveitar conscientemente as suas sugestões e perceber constantemente a sua presença... Ao contrário, os outros a ignoram, e **quando os ‘anjos da guarda’ tentam aproximar-se deles para iniciar a sua redenção, eles não os veem, não os sentem e nada percebem**. Entretanto, assim mesmo os ‘anjos da guarda’ vigiam amorosamente aquelas pobres almas extraviadas que padecem de intensos sofrimentos morais, necessários quando se quer limpar as manchas impressas em suas almas por uma existência encarnada em que não deram amor. [...]” ⁽⁴⁵⁾

“Por outro lado, algumas vezes, mesmo antes da morte, quando **o espírito ainda está vinculado ao corpo, a pessoa percebe os próprios desencarnados que vieram recebê-la, ouve as suas palavras de conforto** e pode também vislumbrar o próprio ‘anjo da guarda’, além de ouvir o eco maravilhoso da ‘música das Esferas’. Trata-se, porém, de casos relativamente pouco frequentes, uma vez que quase sempre, enquanto o espírito não se libertou do corpo, o ser nada compreende no mundo espiritual.”
(⁴⁶)

d) Casos XXII – XXIII – XXIV:

“Conte-me as suas impressões durante a crise da morte.” Ela respondeu: **“Quando entrei em agonia, vi chegar o espírito da minha irmãzinha**, que começou a rodar à minha volta jovialmente. Naquele momento, o meu corpo etéreo começava a emergir do corpo carnal e sentia-me invadir por uma sonolência profunda, mas algum dos presentes depositou perto de mim um vaso de violetas. Eram as minhas flores prediletas e aquela onda de delicioso perfume teve o efeito de fazer-me voltar à vida, de forma que o meu corpo etéreo entrou novamente no corpo carnal. Abri os olhos e dirigindo-me à minha irmã, disse: ‘Querida Vera, estava para ir embora, mas o perfume das violetas chamou-me de volta à vida.’ Pouco depois caí de novo em torpor profundo e, ao

despertar, encontrei-me fora do corpo. Vi o quarto iluminado por uma luz diferente, muito branda e repousante e, ao lado do leito, minha mãe, que, chorando, olhava o meu corpo. Em um canto do quarto estavam minha irmã e a senhora Bailey, que soluçavam com grande pesar. **Via, entretanto, alegres ao meu redor a minha irmãzinha e a minha boa Bessie**, mas como eu não fazia a mínima ideia do que acontecera comigo, sentia-me impressionada por aquele espetáculo incompreensível e incoerente. Agarrei-me assim a Bessie, pois eu estava petrificada por estupor e por susto. Via-me em uma ambiente estranho; tudo parecia ter um aspecto diferente, e eu não sabia o que fazer nem para onde ir. Por outro lado, sentia-me feliz por não estar sofrendo mais, e eram tremendos os sofrimentos que eu tinha sentido pouco antes na cabeça e no coração. **Logo chegaram outros espíritos de amigos desencarnados e de parentes que, posicionando-se à minha volta, me levaram com eles.** Mais tarde, voltei a contemplar o meu corpo antes do sepultamento.”⁽⁴⁷⁾

“Foi perguntado ao espírito-guia: ‘Você pode nos dizer o seu nome?’

“Sim. Charles Bradlaugh, o grande reformador social, **materialista**, deputado, que lutou toda a sua vida pelos fracos e oprimidos... e, em consequência de seus atos, **viu-se envolvido no mundo espiritual**

por uma multidão de colegas e de beneficiados que acorreram para dar-lhe as boas-vindas com amor. Nenhum rei da Terra jamais teve uma acolhida tão gloriosa no nosso mundo. Ele agora tornou-se um grande espírito.

“.... Durante a existência terrena ele teve a ocasião de assistir a experiências mediúnicas, mas o que viu e o que ouviu foi por demais elementar para impressionar um **temperamento cético** como o seu. **Acreditando, portanto, que tudo fosse engano e charlatanice, ele combateu asperamente o novo espiritualismo,** o que agora deplora amargamente como espírito.”
(48)

2) Construções e/ou ambiente terreno espiritualizado

a) Caso III:

“P. – Conte para nós as suas primeiras impressões no mundo espiritual.

R. – Eu estava para dizer que os meus bons amigos soldados não mais me deixaram desde o momento em que desencarnei até quando fiz a minha entrada no mundo espiritual, no qual eu tinha avós, irmãos e irmãs, que, porém, não vieram ao meu encontro para me acolher quando morri. **Quando entrei em ambiente espiritual, parecia-me estar passeando em terreno**

sólido, e vi uma velha vir ao meu encontro. Ela me dirigiu a palavra: ‘Jim, então você veio até nós?’ Olhei para ela atentamente, e exclamei: ‘Oh! Vovó, é você?’ ‘Eu mesma, querido Jim. Venha comigo’. **E me conduziu para longe, à sua morada.** Ali chegando, disse-me que eu tinha de descansar e dormir. Deitei, e adormeci por longo tempo...

P. – **A morada de que fala tinha a aparência de uma casa?**

R. – **Mas claro...** No mundo dos espíritos existe a força do pensamento, com a qual é possível criar todas as comodidades que se deseja.” ⁽⁴⁹⁾

É oportuno, trazermos este trecho dos comentários de Bozzano:

Esta última informação, que no caso em análise remonta a oitenta anos, **não é apenas um dos detalhes fundamentais em que todos os espíritos são unânimes em afirmar**, como também a chave com que se explicam, se resolvem, se justificam todas as informações e as descrições, aparentemente absurdas, incríveis, ridículas, fornecidas pelos espíritos que se comunicam falando a respeito da sua estada espiritual. **Em outros trabalhos que elaborei a esse respeito, já tive oportunidade de me deter longamente acerca desse tema de extrema importância;** por isso, vou me limitar, desta

vez, a falar sobre ele apenas o estritamente necessário.

Lembrarei que **essa grande verdade** que nos foi **revelada pelos espíritos comunicantes** pode resolver um acúmulo enorme de perplexidades teóricas, determinadas pelas informações fornecidas por estes acerca do mundo espiritual, das formas que revestem os espíritos e das modalidades da sua existência **(todas formas de existência terrena espiritualizada, do plano terreno, da humanidade terrena, das formas de existência terrena)**. Essa grande verdade, capaz de resolver todos os enigmas teóricos em questão, e que se baseia na potência criadora do pensamento em ambiente espiritual, é confirmada de maneira impressionante, com base nos fatos, em ambiente terreno, e isso em consequência da circunstância de que **o pensamento e a vontade, mesmo na existência encarnada, mostram-se capazes de criar e dar formas concretas às coisas pensadas e desejadas, assim como nos é informado o que acontece em ambiente espiritual**, ainda que na Terra o fenômeno realize-se exclusivamente no caso de sensitivos especiais. Refiro-me com isso aos fenômenos maravilhosos da “fotografia do pensamento” e da “ideoplastia”, aos quais dediquei em 1926-1927 uma longa monografia, **onde são demonstradas, com**

fatos, a sua realidade incontestável e a sua portentosa eficiência. Assim, deve-se concluir que já no mundo dos vivos o pensamento e a vontade revelam o poder de se tornarem concretos, manifestando-se em formas mais ou menos substanciais e permanentes, ainda que isso ocorra sem finalidade na existência encarnada e aconteça apenas com sensitivos em condições fisiológicas um pouco anormais, que correspondem a estados mais ou menos avançados de desencarnação do espírito. [...].

Observo ainda que a outra circunstância das entidades encarnadas que afirmam que **tais condições de vida espiritual são transitórias e dizem respeito apenas à Esfera mais próxima do mundo terreno**, isto é, àquela destinada a receber os **espíritos recém-chegados**, não vale apenas para justificar plenamente tais condições da existência, mas **demonstra principalmente a sua providencial razão de ser**. Em outras palavras: **considere-se que desolação e desorientamento sentiriam os espíritos, em sua grande maioria, caso assim que ocorresse a crise do transpasse se vissem bruscamente despojados da forma humana e se encontrassem em um plano espiritual radicalmente diferente do lugar onde se plasmou a sua individualidade, e ao qual estavam ligados por uma delicadíssima trama de sentimentos afetos,**

paixões, aspirações – **a ponto de esta trama não poder ser rompida de repente sem levá-los ao desespero, e onde sobretudo se encontrava o ambiente familiar de cada um deles**, constituído por uma soma fantástica de pequenas e grandes satisfações, temporais e espirituais, que concorriam cumulativamente para criar aquilo que se chama “alegria de viver”. Caso se reflita sobre tudo isso, será preciso reconhecer que parece racional e providencial que, entre a existência encarnada e a de “puros espíritos”, venha a se interpor um ciclo de existência preparatória, que serve para conciliar a natureza por demais terrena do espírito desencarnado com a natureza por demais transcendental da existência espiritual propriamente dita. Para isso proveria maravilhosamente **a potência criadora do pensamento**, que permitiria ao espírito, julgando-se ainda em forma humana, reencontrar-se desta mesma forma; e acreditando estar vestido, ver-se coberto de roupas que, apesar de etéreas, pareceriam materiais para o desencarnado, como as vestimentas terrenas. **No mundo espiritual ele reencontraria também um ambiente e uma casa correspondentes aos próprios hábitos da Terra** – morada preparada para ele pelos familiares que o precederam na existência espiritual. [...]. ⁽⁵⁰⁾

b) Caso VI:

“A esta altura, é aconselhável eu mencionar a natureza da substância usada para as construções ou para as criações no plano espiritual, bem como os métodos empregados, e o modo pelo qual são utilizados. O nosso é o mundo do pensamento, e todas as coisas podem nele ser vistas. **Elas são a ele tangíveis, utilizáveis: são criações do pensamento.** O nosso corpo espiritual é uma criação substancial do pensamento, e a partir do nosso próprio corpo, sem detrimento nenhum para a nossa individualidade, nós exteriorizamos aquilo que se exige para exercitar a nossa atividade objetiva. **À nossa volta assumem forma as criações do nosso pensamento, as quais se fundem e se harmonizam com as criações do pensamento dos outros.** Algumas dessas criações são exteriorizações inconscientes do pensamento espiritual, enquanto outras, ao contrário, nascem da força criadora do pensamento dirigida pela vontade, com objetivos determinados. Nós somos seres constituídos de pensamento, **existentes em um mundo criado pelo pensamento,** e tudo o que desejamos, bem como tudo o que operamos, o fazemos pelo dinamismo do pensamento. Naturalmente para quem está vivendo na esfera terrena tão radicalmente diferente da nossa compreender isso ou mesmo simplesmente acreditar nessas nossas

revelações é uma tarefa árdua. No entanto, garanto a você que os processos funcionais implícitos naquilo que lhe descrevi são muito simples, muito naturais e estupendamente eficazes... Esses ensinamentos espirituais, que somente agora começam a ser ministrados aos viventes, resultam em uma das 'muitas coisas' a respeito das quais Jesus Cristo afirmou: que 'a Sua geração e os Seus tempos não estavam maduros para recebê-las'..." ⁽⁵¹⁾

c) Caso VII:

Conforme fiz observar, essas cartas-mensagens à irmã são, com frequência, intercaladas por incidentes e **descrições que dizem respeito à própria existência espiritual, os quais correspondem àquilo que muitos desencarnados comunicantes narram, ou seja: que nas primeiras Esferas da existência espiritual encontramos-nos em um ambiente terreno espiritualizado**, com algo de extraordinário. Por força da potência criadora do pensamento, **os desencarnados acabam se encontrando com muita frequência em um ambiente doméstico parecido com o que os acolhia na Terra, preparado pelas entidades mais próximas a eles.** A paisagem é etérea, as roupas e a mobília também; mas, como o corpo que reveste o espírito desencarnado também é de natureza etérea, o resultado é uma perfeita

relação entre “sujeito” e “objeto”: assim, o ambiente parece absolutamente palpável, como no nosso mundo.

Além disso, no plano espiritual recebe-se a reconfortante notícia de que **as obras e as atividades realizadas na Terra contam, de qualquer maneira, para o início das obras e atividades a serem desenvolvidas na nova Esfera.** Ali também se aprende que uma existência terrena ociosa, preguiçosa, inútil, é a causa das maiores dificuldades para o progresso espiritual.

A esta altura sou induzido a retomar o tema que mencionei no princípio, dirigindo-me em especial àqueles estudiosos da metapsíquica que, mesmo admitindo – como faz o meu amigo Cesare Vesme – que **as provas cumulativas desse gênero são logicamente conclusivas, em termos da interpretação espírita dos fatos, entretanto obstinam em não reconhecer como verídicas – nem mesmo simbolicamente – as narrações dos desencarnados a respeito do ambiente que os acolhe.**

No entanto, eis-nos desta vez diante do caso de uma desencarnada que ao mesmo tempo em que **chega a identificar a si mesma fornecendo mais de 300 detalhes pessoais posteriormente comprovados, entre uma informação e outra, transmite noções precisas a respeito da vida espiritual e das condições do lugar em que se encontra; informações que**

concordam totalmente com outras análogas fornecidas por numerosos desencarnados comunicantes. Muito bom: de acordo com os estudiosos da metapsíquica de que falamos acima (como eu já disse, eles aceitam a existência de autênticos casos de identificação espírita, **mas não dão crédito às mensagens em que são descritas as condições do ambiente espiritual**), tais revelações deveriam ser consideradas como elucubrações antropomórficas do inconsciente dos médiuns. Se nos baseássemos nessa hipótese, **teríamos de concluir que no caso em questão a entidade comunicante era um espírito de desencarnado autêntico, toda vez que transmitia detalhes verídicos a respeito da própria existência terrena, mas transformava-se no mesmo instante em uma efêmera personalidade sonambúlica assim que, entre um detalhe e outro, fornecia informações sobre a própria existência espiritual.** Nós nos questionamos sobre o fato, perguntando se **uma maneira de argumentar como esta deve ser julgada de acordo com a lógica.** Ao contrário, caso os estudiosos da metapsíquica de que estamos falando exigissem uma seleção rigorosíssima das numerosas obras sobre revelações transcendentais – muitas das quais são desvarios onírico-inconscientes facilmente reconhecíveis como tais – eu me declararia plenamente de acordo com eles,

acrescentando que o primeiríssimo **critério de seleção a ser adotado deveria ser o de se reconhecer apenas as mensagens transmitidas por entidades de desencarnados que tenham a sua identidade pessoal comprovada, critério que eu me comprometi a seguir no presente trabalho e que cumpri**, em grau superlativo, no caso apresentado acima. Em outras palavras: se, **com base nos 300 detalhes fornecidos, pode-se considerar comprovada a identificação pessoal da desencarnada Hattie Jordan, então deverão ser aceitos como absolutamente normais os detalhes simultaneamente transmitidos por ela sobre as formas de vida espiritual, uma vez que está claro que o primeiro fator da proposição subentende o segundo**. Desse modo, **quem não quer admitir o segundo, por uma questão de lógica, deve também negar o primeiro**. E aqueles que rejeitam ambos, embora estando sem razão, pelo menos podem justificar o seu ponto de vista apelando para a lógica. Já não seria possível afirmar o mesmo sobre aqueles que aceitam o primeiro e negam o segundo. E com isso encerro o assunto. ⁽⁵²⁾ (itálico do original)

d) Caso X:

“O primeiro sentimento que se percebe, logo ao despertar com plena consciência sobre aquilo que somos e de onde nos

encontramos – ou seja, que somos espíritos sobreviventes à morte do corpo e que nos encontramos em um outro plano de existência –, é o sentimento de uma enorme curiosidade, combinada com um grande desejo de explorar o novo ambiente, e conhecer mais. Antes de qualquer coisa, nos damos conta de que à nossa volta existem ‘coisas’, e esta é **a primeira observação que nos deixa cheios de estupor; sobretudo porque estas ‘coisas’ surgem com a mesma natureza daquelas que nós conhecemos na Terra, apesar de parecerem também diferentes, mas de uma maneira que não conseguimos compreender muito bem.**

Elas são reais, muito reais: vemos muito bem isso, todavia temos a intuição de que elas são apenas temporárias, e que pertencem unicamente ao estado espiritual sucessivo ao despertar. Depois disso, não demoramos a descobrir e isso se mostra muito curioso e interessante que podemos transformar certas coisas que percebemos à nossa volta simplesmente desejando que se transformem. Todavia, podemos fazer isso unicamente em relação a objetos que não tenham importância. Assim, por exemplo, se eu percebo aos meus pés uma agulha de pinheiro e começo a desejar que ela se transforme em uma agulha de aço, ei-la transmutada em uma agulha real de costura,

que posso pegar e observar. De qualquer maneira, nós não podemos transformar os objetos volumosos, e muito menos o ambiente em que vivemos. E não podemos fazê-lo porque **a paisagem à nossa volta não é apenas o nosso ‘cenário’, mas é o ‘cenário’ de todos os espíritos.** Nós podemos apenas transformar qualquer pequena coisa, a partir do momento em que fazer isso não provoque aborrecimento ou prejuízo aos outros. [...]” ⁽⁵³⁾

Dos comentários de Bozzano, destacamos o seguinte parágrafo:

No caso em questão mostra-se por demais eficaz e instrutiva a descrição do espírito comunicante a respeito das maneiras pelas quais **os espíritos recém-chegados conseguem gradativamente descobrir que o ambiente em que se encontram é constituído por “formas de pensamento” e por “projeções do pensamento”, e que tudo isso está predisposto tendo como objetivo tornar mais fácil para os espíritos recém-chegados o período de transição da existência terrena para a espiritual.** ⁽⁵⁴⁾

e) Caso XI:

(‘Wilberforce’, através de ‘Rector’) “Quando meu espírito teve consciência de estar em ambiente de vida eterna, eu me vi envolvido por radiosas criaturas angelicais, as quais vinham me anunciar o quão

misericordiosa estava sendo a clemência de Deus para comigo. Fui arrancado à vida de uma forma rude e súbita com a consequência que eu não tinha me dado conta de estar no mundo espiritual até o momento em que **vi o meu pai vir a meu encontro**; ele me explicou que embora eu estivesse mais vivo do que nunca, **encontrava-me naquela seção do mundo espiritual em que são hospedados os espíritos radiosos**. Então juntou-se a ele minha mãe; depois veio ao meu encontro o puríssimo espírito de Keble, rodeado por um grupo glorioso de outras almas filantrópicas, que **por lei de afinidade se amontoavam em volta dele**, um ser que na Terra tinha sido o príncipe do amor universal. **Foram eles que me conduziram até a morada dos ‘guias’**, pelos quais fiquei sabendo que a primeira tarefa que eu tinha de me preparar para cumprir era a de deixar de lado muitas das doutrinas que na Terra julgara de importância vital! Oh! Com que facilidade os espíritos iluminados deixam de lado as opiniões terrenas, ainda que tenaz e apaixonadamente professadas durante toda a vida!

[...].

“A partir do momento em que abandonei o mundo dos vivos, **dediquei-me intensamente a aprender aquilo que devia constituir a minha tarefa espiritual nesta existência de constante progresso**, de elevação sublimada à qual estou destinado. A

essa altura, com a ajuda dos meus ‘guias’, **eu já passei pela primeira Esfera espiritual** em que moram aqueles que continuam vinculados pelo amor aos vivos, assim como todos aqueles que ainda, não estão preparados para se elevar espiritualmente além da primeira Esfera celeste. Ali encontrei muitas almas que eu conheci em vida, e através delas tomei conhecimento de muitas noções que eu precisava urgentemente conhecer. Por algum tempo, a minha tarefa será análoga, ou seja, **terei de me esforçar por instruir os recém-chegados até eu amadurecer e poder alcançar, então, a Esfera espiritual que a mim está destinada.** Assim, manifestei-me a você com o objetivo de instruí-lo com esta mensagem de conforto e de consolo. Mantenha o espírito bem-disposto, meu amigo: o futuro que nos espera é radioso!

(Moses) “Quantas perguntas eu precisaria dirigir a você! **As Esferas espirituais são então semelhantes ao nosso mundo?**”

“São, sob todos os aspectos. Entretanto, a diferença é bastante grande, uma vez que se determina uma mudança radical nas condições de existência. **A paisagem é absolutamente idêntica, mas sublimada.** Nós também temos flores, campos e árvores, animais e pássaros; só que as condições ambientais não são mais físicas, com a consequência que nós não temos necessidade de nos alimentar, e muito

menos de matar para viver. **A matéria, da forma como vocês a pensam, não mais existe para nós; quanto aos meios de subsistência nós os assimilamos com o ar que respiramos.** Os nossos movimentos livres não são mais dificultados pela matéria, como acontece no mundo de vocês. **Nós nos transportamos para toda parte com um ato de vontade.** Como acontece com as crianças no plano terreno, comigo também ocorre aprender todos os dias novos conhecimentos preciosos, e com isso vou me adaptando cada vez melhor à existência espiritual.

“O ambiente que os rodeia é então real para vocês?”

“Real, realíssimo, e mesmo soberbamente lindo.” ⁽⁵⁵⁾

f) Caso XII:

Essa mensagem do falecido “capitão Hinchliffe” contém uma descrição sumária relativamente resumida da existência e da paisagem espirituais da forma como são encontrados **na seção inferior do “plano astral”, que seria a seção para a qual confluem automaticamente pela lei de afinidade** – os espíritos dos que morreram depois de passar uma vida relativamente normal, ou seja, não despojada de faltas ou de excessos. Tudo isso naturalmente subentende que **venha a existir uma sucessão indefinida de outros estados, ou**

“Esferas” espirituais, em progressiva elevação, em que o ambiente se sublimaria gradativamente **à medida que ocorresse a sublimação do “corpo etéreo”, invólucro do espírito**, até que o espírito alcance o estado de existência suprema, e para nós inconcebível, de “puro espírito não mais condicionado pela forma”. Esse tema, entretanto, será tratado oportunamente.

Da maneira como estão as coisas, não será inútil mencionar mais uma vez, ainda que sumariamente, o fato de que **uma tal concepção da existência espiritual, da forma como nos é apresentada de uma maneira única em todas as mensagens transcendentais é a mais racional e aceitável que se possa imaginar**, se se pretende entender de alguma forma a questão da sobrevivência do espírito humano depois da morte do corpo. Discuto longamente a esse respeito em um trabalho que escrevi sob o título “Revelações transcendentais e objeção antropomórfica”, publicado no volume V do meu *Investigações sobre as manifestações paranormais*, Città della Pieve, 1938. Recomendo, portanto, esse trabalho a quem quiser formar um claro conceito sobre o tema, mas não posso me eximir de citar uma página resumida dele, e isso para auxiliar os leitores que porventura não o conheçam. Eis em que termos eu me expressei:

“Uma lei psicológica de lenta adaptação governa a evolução das novas ideias; por isso, o que em um determinado momento surge como louca fantasia, torna-se, oportunamente, uma verdade reconhecida e fácil de ser assimilada. **Nenhuma dúvida de que o mesmo acontecerá em relação às repudiadas narrações acerca das analogias existentes entre o ambiente terreno e o que se encontraria nas primeiras Esferas da estada espiritual. Para aqueles que – como o autor – aplicaram os processos da análise comparada e da convergência das provas em um material imenso, essas narrações aparecem desde já como verídicas experimentalmente, da forma como emergem das concordâncias entre as informações fornecidas por entidades de desencarnados**, identificados pessoalmente através de médiuns que, em sua grande maioria, ignoravam as doutrinas espíritas e pertenciam a lugares os mais diversos, vivendo em épocas diferentes. Acrescente-se que, para qualquer um que tenha efetuado tais investigações, essas narrações fornecem a solução mais aceitável da perturbadora questão que gira em torno das modalidades da existência espiritual. ‘Considere-se de fato que **ninguém que admita a sobrevivência do espírito poderia imaginar que a existência espiritual seja uma eterna vagabundagem pelo espaço infinito, sem objetivo, sem meta, sem ideais a serem**

alcançados, sem nada a ser executado e a ser pensado. ⁽⁵⁶⁾”

“Pergunta-se aos demolidores das revelações transcendentais se porventura se satisfariam com uma perspectiva destas. Ou, talvez, teriam eles em mente alguma coisa diferente que pudesse ser a alternativa insubstituível da eterna vagabundagem pelo espaço infinito? Se assim é, espero que me revelem a arcana descoberta das suas mentes, uma vez que eu não consigo vislumbrar nenhuma. E dou uma explicação posterior a respeito: **ou habitaremos um novo mundo etéreo, em um ambiente qualitativamente diferente, mas real, em que a paisagem e as coisas são constituídas pela mesma substância de que é composto o ‘corpo espiritual’**, (e, em consequência, torna-se substancial o mundo físico para os seres revestidos de ‘corpos físicos’), **ou não habitaremos espiritualmente em novos mundos etéreos, e então estaremos condenados a uma eterna vagabundagem pelo espaço infinito.** Não se pode escapar desse dilema.

“Disso resulta que com base nas conclusões rigorosamente lógicas apresentadas, **será forçoso concluir no sentido em que são descritas as Esferas espirituais de transição dos desencarnados comunicantes, segundo os quais em torno de cada planeta existiriam Esferas concêntricas espirituais**

constituídas por uma condensação de substância etérea combinada com irradiações ultra-atômicas de origem terrena; Esferas invisíveis e intangíveis aos nossos sentidos, enquanto seriam perfeitamente permeáveis à luz solar, da mesma forma como o é a atmosfera que rodeia a Terra; mas na realidade seriam mais substanciais – no verdadeiro sentido do termo – do que o universo físico.” (57)

g) Caso XIV:

“Logo que cheguei ao mundo espiritual, senti de imediato a sensação de estar em minha casa. Tinham vindo me receber parentes, amigos e conhecidos, e todos faziam questão de me cumprimentar por eu ter chegado afinal. **Era, portanto, natural que me transmitissem a impressão de que eu estava realmente em minha própria casa.** Para me adaptar ao novo ambiente, precisei de um período de tempo menor do que eu teria necessitado na Terra para me adaptar a uma mudança de casa.

“É muito fácil conseguir aqui as coisas que se deseja: basta pensar nelas e elas são criadas. Assim, é fácil compreender que ninguém pode desobedecer ao mandamento de Deus: ‘Não desejar as coisas do próximo.’ **Aqui nada se compra com dinheiro e nada pode existir que tenha valor para outros a não ser para aquele que a criou para a sua necessidade, para o seu uso pessoal. E**

todos podem conseguir o que o vizinho possui, se assim o desejarem. Bem entendido que com isso **refiro-me exclusivamente aos objetos materiais** de todos os tipos. **Digo ‘materiais’ para ser claro, uma vez que tal expressão não se adapta às criações etéreas...**”⁽⁵⁸⁾

h) Caso XV:

“Foi para mim **uma grande surpresa quando me dei conta de que eu podia me dirigir para onde quer que desejasse em breves instantes, e que bastava eu querer ir para um determinado lugar para ali chegar como que por encanto. Tal maravilhosa capacidade de transporte espiritual** torna os meios de locomoção de vocês comparáveis aos dos caracóis. Naturalmente as minhas primeiras visitas foram para a frente de batalha, pois estava ansioso por saber como os meus companheiros estavam se saindo. No começo não me foi fácil ver o que acontecia na Terra, pois da mesma forma que vocês não podem ver o nosso mundo, assim é para nós impossível penetrar com o olhar a camada espessa e escura que envolve o mundo de vocês. Nesse meio tempo, **veio me assistir um espírito com bastante experiência, e então consegui sintonizar as vibrações do meu corpo etéreo com as do plano terreno.** Feito isso, foi-me possível assistir do alto ao drama assustador da

guerra e em consequência disso fiquei tão desconcertado e desgostoso que durante longo tempo não mais retornei à Terra...

“De resto, eu não tinha na Terra vínculos afetivos, ou de qualquer outra natureza, fortes o suficiente para me induzirem a retornar, enquanto estava ansioso para aprender as primeiras noções a respeito da vida espiritual, uma vez que a isso me impelia **o fato de eu haver encontrado numerosos amigos que tinham se oferecido para me dar as instruções necessárias.**

“Eu tinha vivido totalmente absorto nos fatos da vida prática e **nada sabia sobre a existência espiritual. Se alguma vez pensei a respeito do mistério do além, isso acontecera de um ponto de vista puramente agnóstico:** ou seja, concluíra que ninguém tinha condições de falar do assunto com conhecimento de causa. Assim passou-se algum tempo antes que eu chegasse a me harmonizar com o novo ambiente, no qual me sentia desorientado e perdido, apesar de contar com a companhia de amigos que, como eu, haviam sido atirados bruscamente no mundo espiritual por causa da guerra, e com os quais falava longamente sobre o novo estado em que nos encontrávamos, para surpresa de todos.”

(Doutora Vivian) “Por que razão? Você, então, não contava com um guia espiritual?”

(Espírito) “Sim, **todos têm um ‘guia’ que os ajuda a familiarizar-se com o ambiente espiritual**, mas nas condições em que eu estava era como pretender que um homem voasse. Para aprender, é preciso tempo e paciência. De qualquer forma, não demorei muito a me ajustar às novas condições de existência, que achava supremamente interessantes. **Eu possuía uma casa minha, que mamãe havia preparado para mim.** Não era grande, mas **tinha um jardim lindo à sua volta, e nele cresciam flores e frutos de uma natureza que eu desconhecia.** A esta altura eu já havia melhorado e deixei mais bonitos o jardim e a casa.

“Compreende-se agora que todas as coisas existentes no plano espiritual são sólidas, solidíssimas para quem nelas habita, levando-se em consideração que nós não somos constituídos pela mesma substância que tínhamos na Terra. Em contrapartida, o mundo de vocês surge a nossos olhos como o país das sombras destituídas de consistência.” ⁽⁵⁹⁾

Um pouco mais à frente, quase ao final desse caso, conclui Bozzano:

Estando assim as coisas, vou me limitar a concluir transcrevendo a esse respeito a opinião do professor Hyslop, que observa com perspicácia como tal indiferença demonstra que, **para se assimilar e avaliar a importância desse ramo do**

conhecimento não basta ser-se inteligente e culto, ou mesmo muito culto: é preciso, antes de mais nada, que se seja maduro para assimilar e avaliar o seu conteúdo. Há mentalidades cultas e incultas que se mostram literalmente despreparadas e refratárias sobre o assunto. Isso se verifica principalmente entre as pessoas cultas, e por causa de preconceitos enraizados, científicos ou religiosos que tornam as cabeças deles literalmente fechadas para acolher conclusões contrastantes com aquelas profundamente arraigadas em seus cérebros.
(⁶⁰)

i) Caso XVII:

“Fui logo levada pelos espíritos que vieram me receber: eles me explicaram que tinham construído o seu pequeno mundo maravilhoso extraindo-o daquela névoa perolada que eu percebia condensando as suas ‘vibrações’, infinitamente sutis, com a potência do pensamento. Eles projetavam as formas do pensamento naquele meio, e elas se revestem de substância espiritual; com isso chegam gradativamente a criar o seu próprio ambiente. Eu, claro, ainda não estava em condições de projetar as formas do meu pensamento nesse mundo exclusivamente mental; assim, os espíritos me levaram para a maravilhosa morada que eles tinham criado para mim. Mais tarde

aprenderei a construir eu mesma o meu pequeno mundo pessoal...

“Quanto ao ambiente em geral somos sempre nós mesmos que concorremos coletivamente para criá-lo, e cada um contribui com a sua pequena parcela. Naturalmente há uma divisão de tarefas, depois que todos chegaram a um acordo sobre o conjunto a ser criado. **Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações**, pois isso é uma tarefa reservada àqueles que manifestam disposições naturais para esse tipo de encargo. **A paisagem que me rodeia surge completa em si mesma e maravilhosa: entretanto, nada mais é do que a nossa paisagem. Explicam-me que de fato existem além dela outras bem diferentes, uma vez que há muitas almas pouco desenvolvidas que não podem apreciar nada que se afaste do ambiente terreno.**

“Você não pode imaginar o quanto é eletrizante o sentimento de criar dessa maneira. A intensidade passional com que todos mergulham nisso não pode ser transmitida em palavras...

“Foi-me relatada a existência de outras Esferas muito superiores à nossa, e às quais desejo e espero chegar um dia, por mais que este dia ainda esteja longe para mim. **Os espíritos eleitos que ali se encontram executam com o poder da**

vontade coisas que vocês julgarão impossíveis, mas isso não impede que sejam verdadeiras. Destas Esferas se soltam as ‘centelhas de Vida’, sob forma vamos dizer de um ‘fluxo vital’ que chega ao mundo de vocês e é absorvido pelo reino vegetal. **Para se chegar a tal poder é preciso alcançar uma extrema perfeição espiritual;** entretanto todos podemos atingi-la. É o que me dizem... ⁽⁶¹⁾

Em seus comentários, Bozzano é categórico:

[...] **a potencialidade criadora do pensamento**, da forma que se revela na personalidade humana, **é resultado da natureza evolutiva** proveniente do plano espiritual, e aperfeiçoada **além de toda a capacidade de concepção humana.** [...]. ⁽⁶²⁾

j) Caso XIX:

Na sessão de março de 1926, manifestou-se com Barret também uma **Mrs. Ada Vachel**, grande amiga da relatora, a qual se encontrava em **uma Esfera menos elevada** do que a que acolhia Barret. Ela descreveu nos seguintes termos a própria entrada no mundo espiritual:

“Senti-me feliz e confortada moralmente por verificar que, quando deixei meu corpo, foi-me concedido progredir espiritual mente um passo de cada vez: não mais que isso;

com a consequência que **as condições da paisagem espiritual em que me encontro se mostram extremamente parecidas com a paisagem terrena**, excluindo-se tudo aquilo que nesta última está contido de ruim, como também excluídas as enfermidades e as dores.”

Barret retoma a essa altura a comunicação, observando: “No que me diz respeito, as coisas correram de uma forma bem diferente. **Encontrei-me rodeado por todas as pessoas queridas que eu tinha conhecido em vida**, exatamente como eu estava preparado para esperar, enquanto o ambiente que me acolheu era muito mais maravilhoso do que o terreno, muito além de tudo o que eu poderia imaginar. E, após um breve intervalo de concentração para me adaptar ao novo ambiente, sentia-me feliz como um garoto de férias e, exultante de alegria, comecei a explorar aquele ambiente de paraíso, sobre o qual tanto eu tinha lido, imaginado e visualizado, mas que se revelou muito superior às minhas expectativas” (pág. 30).

Observo que o incidente exposto não deixa de parecer teoricamente muito interessante, uma vez que se trata de dois espíritos que se manifestam juntos, e transmitem duas versões diferentes a respeito do mundo que os acolhe, pois um deles, após ouvir a transmissão do outro, **intervém para informar que as condições**

do ambiente em que ele se encontra são muito diversas das descritas pelo companheiro. Estando assim as coisas, resulta que não se poderia desejar melhor prova do que essa para demonstrar que **as presumidas contradições dos desencarnados a respeito do ambiente que os recebe dependem do grau espiritual mais ou menos elevado** que os próprios desencarnados alcançam, e que, portanto, tal objeção, proclamada formidável pelos opositores, revela ao contrário o quanto se mostram superficiais os conhecimentos dos opositores em torno do assunto que pretendeu discutir. ⁽⁶³⁾

P. – Então você pode retroceder no tempo?

R. – **A Terra é uma esfera, e ao redor dela existem outras esferas concêntricas muito mais vastas, e cada povo, cada país do mundo físico reproduzem uma duplicata sua muito mais ampla na esfera espiritual que os domina.** A Inglaterra é reproduzida acima da Inglaterra, e o Egito acima do Egito, **mas não assumem necessariamente a configuração**, as particularidades e o colorido local da Inglaterra e do Egito atuais. [...].

[...].

Essas as informações extraordinárias e fascinantes fornecidas pelo desencarnado professor Barret acerca da “vidência” no

mundo espiritual são informações que correspondem às relatadas anteriormente e obtidas de uma mensagem de William Stead (Caso XVI). Antes de comentá-las mais profundamente é oportuno referir-me a outros casos consonantes de comunicações do além sobre o mesmo tema:

O reverendo Drayton Thomas, em seu livro *Life Beyond Death, with Evidences* ⁽⁶⁴⁾, em que ele relata as próprias e importantes experiências com a médium Osborne Leonard, durante as quais o seu pai e a sua irmã deram provas de identificação invulneráveis a qualquer objeção, apresenta por sua vez informações sobre o assunto, que ele resume da seguinte maneira:

“Os meus familiares dizem que as regiões em que vivem os diversos povos são reproduzidas acima das suas próprias regiões. Há, por exemplo, na **segunda Esfera**, uma região que corresponde à Inglaterra, e há uma outra Inglaterra também na **terceira Esfera**, as quais se sobrepõem uma à outra. Num primeiro momento, se poderia pensar que, como os espíritos residentes em cada Esfera ali permanecem por um período de tempo muito mais longo do que no de uma existência terrena, isso deveria determinar um povoamento considerável nas **regiões espirituais correspondentes a cada país.** Mas não se deve esquecer que **a segunda Esfera**, por estar situada a uma grande distância da

superfície terrestre, possui uma vastidão proporcional a essa distância, enquanto na **terceira Esfera** nós teremos uma Inglaterra muito mais ampla ainda, e assim por diante” (págs. 132-133). ⁽⁶⁵⁾

k) Caso XXI:

“Um dos grandes atrativos desse plano consiste no fato de que, por mais que haja aspectos de sua configuração geral que são imutáveis, ao mesmo tempo há nele uma espécie de configuração particular sobreposta se assim é lícito exprimir-se a qual, ao contrário, é extremamente mutável. **Isso ocorre porque todos nós possuímos faculdades criadoras que exercitamos perpetuamente sobre o ambiente imediato em que existimos**; dessa maneira, cada mudança em nossa maneira de sentir e de pensar traz uma mudança correspondente no ambiente ao nosso redor. Mesmo **as nossas roupas são criações do nosso pensamento, formadas com elementos extraídos do ambiente em que existimos**. Eu ainda não compreendo exatamente o processo pelo qual se determina o milagre, mas o fato é que tais manifestações exteriores do nosso pensamento traduzem as disposições inferiores do nosso espírito. Disto resulta que, para os espíritos que existem há longo tempo nesse ambiente, as roupas constituem um símbolo infalível que lhes revela o intrínseco valor moral do espírito que

se reveste com elas.

“Ainda que a natureza deste mundo pareça muito diferente da do mundo terreno, mesmo assim os dois mundos se assemelham, com a diferença de que o mundo espiritual mostra-se muito mais refinado, etéreo; é só...” ⁽⁶⁶⁾

Dos comentários de Bozzano:

Excetuando-se isso, a sua narração concorda em cada detalhe com as outras descrições do gênero. De fato, ela passa por uma fase de sono restaurador, que se harmoniza com o sono da morte, de forma a poupar-lhe os estados de ansiedade e de confusão inerentes à crise suprema. Além disso, ela é acolhida no mundo espiritual pela formação compacta dos espíritos dos desencarnados que ela amou em vida; também se revela que ela se encontra em forma humana no plano espiritual. Deve-se por fim observar que ela informa que naquele mundo os espíritos conversam por transmissão de pensamento, que **naquele ambiente é uma cópia espiritualizada do plano terreno e que o pensamento e a vontade espirituais são forças criadoras.** Sobre este último item é oportuno atentar para um *detalhe secundário* que está perfeitamente de acordo com o que afirmam os demais espíritos comunicantes: que **a configuração da paisagem “astral” é constituída por uma série de criações do**

pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas, colocadas no governo das **Esferas espirituais inferiores**. **Nesse caso as criações são imutáveis**. Já as outras, ao contrário, são transitórias e extremamente mutáveis, enquanto resultado da concretização do pensamento e da vontade de cada entidade desencarnada, ao projetar o ambiente desejado no momento. ⁽⁶⁷⁾ (itálico do original)

I) Casos XXII – XXIII – XXIV:

“Em vida, eu era um materialista. Na universidade onde estudei, a grande maioria dos estudantes era materialista ou agnóstica, e **eu tinha a irredutível convicção de que tudo acaba com a morte do corpo.** Quando me aconteceu o incidente trágico que acabei de descrever, fui transportado para o hospital, onde me operaram de laparotomia. Não me lembro de mais nada, pois fiquei quase que todo o tempo inconsciente, até que despertei de um longo sono restaurador e encontrei-me deitado sobre algo que me pareceu uma cama macia e branca. Ao ouvir a voz de um homem que parecia dirigir-se a mim, **virei-me para seu lado e percebi o semblante sorridente de um colega da universidade, que morrerá quando éramos estudantes. Ele havia sido o meu amigo mais íntimo e a sua morte me deixara profundamente abalado.** Eu olhava para ele naquele momento com um estupor cada vez maior, mas julgava

estar sonhando. **Nesse meio tempo, outros desencarnados que eu conhecera se reuniram ao redor do meu leito, dentre eles alguns dos meus clientes que vinham expressar a sua gratidão** por tudo ou que eu tinha feito por eles, no decorrer da minha vida profissional, ou então por aquilo que eu tinha feito a serviço de pessoas que eles amavam e que ainda estavam vivas. Não conseguia me orientar naquela situação estranha e, olhando à minha volta, dirigi-me ao meu amigo, exclamando: 'Michy, o que significa tudo isso?' Respondeu: 'Como? Você não compreendeu ainda que está morto?' E, com essas palavras, olhava para mim divertido por causa da surpresa que via estampada em meu rosto. Mas eu não acreditava; não podia acreditar. Tudo parecia tão real à minha volta! Ao mesmo tempo eu me sentia o mesmo de antes, com exceção de um sentimento cada vez mais acentuado de alegria exuberante, que se combinava com uma sensação deliciosa de leveza no corpo e uma enorme atividade mental. Sentia-me liberto de todo sofrimento: isso era verdade. mas eu atribuía isso ao longo sono restaurador pelo qual tinha passado, sono que prenunciava uma rápida convalescença. Dizia comigo mesmo: 'Que absurdo! Eu, morto? Impossível e impensável.' Mais do que nunca desorientado, levantei-me da cama, e então **o meu amigo me pegou pelo braço, dizendo-me para concentrar fortemente o pensamento sobre a vontade**

de voltar para perto do meu corpo. Comportando-me assim, com imensa surpresa vi-me transportado na mesma hora à presença do meu cadáver que jazia em um caixão. Flores e coroas estavam espalhadas por todo lado. Muitos dos presentes soluçavam, entre eles a minha mulher e a minha mãe. Tentei consolá-las dizendo-lhes que eu estava presente, mais vivo que antes, mas elas não me ouviram. Repeti a frase gritando e envolvendo com o braço a minha mulher pela cintura, mas ela não me ouviu nem sentiu o contato do meu braço. Profundamente impressionado com aquela cena de choro e com a minha impotência em tornar perceptível a minha presença, olhei para o meu amigo, exclamando: 'Michy, pelo amor de Deus, leve-me embora daqui!' Desejei fortemente ser levado para outro lugar qualquer e instantaneamente a cena mudou. **Encontrei-me em uma bela e confortável morada e ele me disse que eu mesmo a havia preparado antecipadamente com as minhas obras e as minhas aspirações terrenas.** Para este lindo lugar **vieram de toda parte parentes, amigos e pacientes para me dar as boas-vindas.** Entretanto, para perturbar a minha felicidade, surgia insistente a dúvida de que eu estava sonhando e que, portanto, acordaria atormentado pelo meu ferimento. Passaram-se cerca de seis semanas do tempo de vocês, antes que eu conseguisse me vencer

de que, efetivamente, havia passado pela crise da morte. [...]”

[...].

A essa altura, o professor perguntou:

“Se a morada em que você se encontra é maravilhosa, por que a deixou para vir se manifestar a nós?”

Veio a resposta:

“Muitos são os motivos. Antes de qualquer coisa porque fui amigo da médium e da sua família; depois, porque Annie, que tem um profundo carinho pela irmã viva, pediu-me para auxiliá-la na missão que ela havia se imposto.” ⁽⁶⁸⁾

m) Caso XXV (dos comentários de Bozzano):

Voltando à “potencialidade criadora do pensamento” no plano espiritual, narrarei este único trecho:

“Tudo o que existe aqui parece constituído pelas diversas modalidades com as quais a força do pensamento se manifesta. **E a substância criada pelo pensamento parece ser, na verdade, mais sólida e duradoura do que a pedra e os metais.** Talvez isso seja **difícil de ser compreendido por vocês, e não parece conciliar-se com o conceito que alguns podem formar sobre as maneiras com que a força do pensamento deveria se manifestar.** Eu, por exemplo, **cheguei a imaginar que se**

tratava de criações formadas de matérias vaporosas e, ao contrário, são mais sólidas, revestidas de tintas mais vivas, do que tudo o que é sólido e colorido no ambiente terreno. As casas são construídas por espíritos que se especializaram em modelar, com a força do pensamento, essa matéria espiritual. E eles as constroem sempre como os outros espíritos as desejam, uma vez que **retiram do inconsciente destes últimos os modelos mentais dos seus desejos.**

A respeito do trecho exposto, observo que do ponto de vista científico **não deveria causar nenhuma surpresa a observação do espírito com comunicante a respeito da aparência sólida tanto ou mais do que a da pedra das construções psíquicas em ambiente espiritual**, considerando-se que é sabido, como **a ciência tem demonstrado, que a solidez da matéria é pura aparência**. Disso resulta que o atributo “solidez” é tão-somente uma questão de “relação” entre sujeito e objeto; ou seja, isso significa que **para nós seres constituídos da mesma matéria do ambiente em que vivemos esse ambiente deve necessariamente parecer sólido**, uma vez que existe uma **perfeita relação entre sujeito e objeto**. Analogamente, para um espírito revestido de um “corpo etéreo” deverá parecer da mesma forma sólido o ambiente etéreo em que está, e isso pela idêntica razão da existência de

uma perfeita relação entre sujeito e objeto. Em contrapartida, ao mesmo espírito deverão parecer sombras evanescentes as pessoas vivas e o ambiente terreno, e isso na ausência de relações entre as condições em que ele existe e opera, e as condições em que existem e operam os seres vivos; sem contar que ele terá a confirmação daquilo que presume quando lhe acontecer passar através de um muro como se este não existisse.

Ressalto ainda que a última observação contida no trecho aqui considerado, e no qual se afirma que as **“habitações são construídas por espíritos os quais se especializaram em modelar com a força do pensamento a substância espiritual”, está em perfeito acordo com aquilo que uma outra personalidade mediúnica havia afirmado no Caso XVII.** Esta última, falando de tais construções psíquicas, observa: **“Um grande número de espíritos não trabalha em tais criações, pois fazê-lo está reservado àqueles que manifestam disposição natural para essa tarefa especial.”** Em se tratando de uma concordância relativa a um *detalhe secundário*, ela resulta teoricamente mais importante do que muitas outras relativas a *detalhes fundamentais*, visto que a hipótese das “coincidências fortuitas” torna-se cada vez menos verossímil à medida que as concordâncias entre as descrições dos espíritos comunicantes se referem a detalhes

cada vez mais minuciosos ou de pouca importância. ⁽⁶⁹⁾ (itálico do original)

n) Caso XXX:

“Enquanto a alma (a ser diferenciada do espírito) do recém-chegado está vinculada ao mundo dos vivos em uma graduação qualquer, **o espírito do recém-chegado não pode deixar de existir em uma condição quase terrena**, e isso pelo fato dele se encontrar em ambiente onde a realização do próprio ser se determina em virtude do conjunto de concepções a respeito de si mesmo. **Acontece, então, que ele ainda tem necessidade de saborear alegrias quase terrenas, de encontrar-se em meio a familiares e amigos, de procurar suas ocupações favoritas**, tudo isso com uma transformação para melhor, correspondente às condições espirituais em que se encontra. Repito: **essa é a causa pela qual nas Esferas espirituais próximas do mundo dos vivos os espíritos existem em condições análogas às terrenas**. E tudo isso vale para explicar a vocês a razão pela qual tantos espíritos pouco circunspectos se comunicam mediunicamente para revelar aos seres vivos sedentos de coisas maravilhosas a sua existência em meio espiritual semelhante ao terreno. (pág. 97).

Das considerações de Bozzano, antes de narrar esse caso, destacamos:

Isso sai dos limites que me impus no presente trabalho, mas acredito que provavelmente essa questão deva ter surgido com insistência para muitos leitores, os quais, a respeito da **análise comparada aplicada às revelações transcendentais**, devem ter se perguntado: muito bem, **agora sabemos, com base nos fatos, que os espíritos dos desencarnados entram em uma primeira fase de existência espiritual que significa uma reprodução espiritualizada do ambiente e da existência terrena; fase transitória**, ainda que de longa duração, que teria a finalidade de predispor gradativamente os recém-chegados para a vida espiritual propriamente dita. Tudo isso já aparece como uma soma importante de conhecimentos adquiridos a esse respeito; mas o que pensar da existência espiritual propriamente dita? Como concebê-la? O que significa passar para o estado de ‘puros espíritos’? ⁽⁷⁰⁾

3) Umbral/trevas

a) Caso IX:

“Afinal de contas, há muito de verdade naquilo que o nosso pároco apregoava do púlpito... Existe realmente uma vida eterna. Pelo menos é nisso que nós todos acreditamos; enquanto aqueles que levaram na Terra uma existência moderadamente honesta e boa vão para um lugar que pode

ser considerado um paraíso, **aqueles que tiveram uma vida depravada e má acabam indo para outro lugar que pode ser definido justamente como um ‘inferno’...**”
(⁷¹)

b) Caso XII:

[...] Querida Emília, **haverá indivíduos que não vão acreditar nas minhas palavras**, mas eu declaro a você que tenho plena certeza de tudo o que afirmo. O nosso espírito tem uma natureza bastante delicada a esse respeito, a ponto de uma mudança brusca de condições poder determinar repercussões e desorganizações na malha etérea do corpo que o reveste...

“Se você me perguntar onde estou, o que vejo à minha volta, vou lhe dizer que **de início encontrei-me em uma terra cinzenta, úmida, desagradável, que se mostrou deserta e estéril** como certas regiões da Bélgica por sobre as quais eu tanto voava. Imagine uma região desse tipo, **com alguns grupos de árvores espalhadas, de crescimento precário e retorcidas, visíveis por entre uma atmosfera cinzenta e enevoadada, e terá assim uma ideia aproximada do lugar em que eu despertei para a nova Vida**. Dito isso, você pode bem entender que a minha primeira aspiração foi a de me afastar desta pouco atraente estada, assim que me fosse possível; estada em que muitos desencarnados permanecem durante

anos... E por que ali permanecem? Antes de mais nada porque têm uma vaga suspeita de precisar mudar para pior; depois, porque **naquela terra inóspita encontram-se com muitos outros espíritos afins à sua própria natureza**; por último, e sobretudo, porque desta região que **é a seção inferior do Plano astral**, e envolve o mundo de vocês, estando quase em contato com este torna-se bastante fácil vislumbrar e saborear com a imaginação algumas satisfações físicas do ambiente em que vocês vivem, e em que tantos desses espíritos desencarnados haviam mergulhado quando vivos, ou nele tinham pensado em demasia por opção...

“Eu não compreendo como alguém pode imaginar que depois de morto entra-se em uma existência espiritual de beatitude para todos, **bem como de ócio celestial em ambiente radioso**. Vocês não imaginam que **o seu destino futuro só pode ser a resultante matemática de uma existência mais ou menos correta e altruísta transcorrida no mundo dos vivos**. Disso resulta que quem viveu de forma despreocupada, à custa do próximo, não se sentirá bem no além... **No mundo espiritual não existem sofrimentos físicos, mas os sofrimentos morais e mentais são incomparavelmente mais agudos do que na Terra...** O mundo espiritual é uma oficina de refinamento, e enquanto um espírito não tiver passado por todas as etapas de aperfeiçoamento existentes **em cada fase de**

vida espiritual, não lhe é possível, nem permitido, alcançar estados de beatitude radiante. Esses dados existem, mas por enquanto a nós é concedido apenas ter percepções fugazes sobre eles, a título de encorajamento... **Eu entrei na vida espiritual sem jamais dedicar um pensamento à grande questão do além-túmulo**, assim como acontece com a maior parte dos jovens da minha idade; mas como na Terra sempre tentei sair de uma situação negativa logo que me fosse possível fazê-lo, assim aconteceu que quando **me vi em um meio espiritual estéril e desagradável**, me dediquei com ardor a sair dele o mais rápido possível, e consegui..." (72)

b) Caso XX:

"Você pode rejeitar a ideia agora expressa, mas **isso não impede que seja verdade o fato de que às vezes o espírito desencarnado se encontra só e mergulhado nas trevas**. Nada percebe, nada sente, mas compreende que está atirado e perdido em **um ambiente de desolação oprimente e em condições de um isolamento aterrador**. Essas **são as regiões infernais** – uma vez que o inferno não é uma fábula – **é um lugar que recebe aqueles que tudo fizeram em vida para gravitar ali depois de mortos. É essa região que a eles cabe, aonde são levados automaticamente pela inexorável 'lei de**

afinidade'; do mesmo modo, **as regiões celestiais** acolhem aqueles que em vida agiram de **forma a gravitar**, depois de mortos, **no lugar que mereceram**, sendo transportados para lá também automaticamente, **por efeito da mesma grandiosa 'lei de afinidade'**.

“As suas perguntas mentais obrigam-me a responder algumas vezes, e agora respondo: Não, **não se trata de inferno entendido no sentido punitivo**, exceção feita para circunstâncias ocasionais e transitórias. As Leis do Universo são a obra de Deus, e Deus é Amor. **Nenhuma pena no nosso mundo, e no de vocês, é aplicada sem algum objetivo**. Isso é o que pode parecer para vocês, mas o fato é que **as penas e amarguras que os seres vivos sofrem têm finalidades didáticas** e oferecem, em proporção direta, vantagens e benefícios espirituais para as presumidas vítimas.

“O inferno é um grande **'Asilo de purificação'**. Ali se concentram todos os que viveram sem dar amor, que fizeram **más ações, que tiveram aspirações ou intenções maléficas longamente acalentadas nos recessos da alma**. Ali se colhe tudo aquilo que se semeou. A esse respeito você certamente não vai imaginar que as sanções no mundo espiritual devam ser menos inflexíveis do que as terrenas. Mas verifica-se que os próprios **'condenados'** não se julgam tão inflexíveis como no mundo

dos vivos, pois compreendem melhor a justiça no novo plano. Por outro lado, **assim que um mau dá sinais de se corrigir, aguarda-o imediatamente a indulgência divina, e os seus sofrimentos morais acabam sendo atenuados.** Vocês não podem avaliar as gravíssimas consequências de uma existência de culpas, enquanto os seus resultados não são percebidos no plano espiritual. No mundo de vocês tais consequências são, com muita frequência, mantidas às escondidas. Aqui, ao contrário, são visíveis para o próprio culpado. Ele percebe e compreende todo o horror das próprias ações, e essa conscientização é aterradora para ele. Da mesma maneira que as almas que deram amor são acolhidas no ambiente espiritual pelas pessoas que amaram e ajudaram, **as que odiaram, injuriaram, arruinaram o próximo reencontrarão as suas vítimas. que não terão necessidade do chicote para flagelá-las e fazê-las tremer de pavor.** Bastará que digam: ‘Olhe para os seus feitos e veja o estado a que você me reduziu em vida.’” (73)

c) Caso XXVII:

“Foi só um instante e eu me vi repentinamente mergulhado em trevas profundas. Tentava às apalpadelas abrir caminho em meio a uma densa escuridão. Nenhuma luz à vista e um silêncio mortal ao meu redor: era uma situação aterradora.

Por vezes parecia-me vislumbrar uma claridade ao longe e perceber sons musicais. O que significava tudo isso? Sentia-me quase enlouquecer e em vão lutava contra o desconhecido, como um homem às voltas com o vazio. **Exausto, caí ao chão em uma crise de desespero moral assustadora e indescritível.** Amaldiçoava a Deus e ao gênero humano. Queria morrer, mas não podia morrer!... ⁽⁷⁴⁾

Dos comentários de Bozzano:

Como se apreende dessa exposição, que está de acordo com outras do gênero, os sofrimentos expiatórios que afligiriam os “condenados” seriam, em sua grande maioria, de ordem moral. Em um primeiro momento consistiriam em todo tipo de nostalgias e de desejos não satisfeitos. Em um segundo momento, em todo tipo de remorsos aflitivos. **Quando um espírito mau tem a crise dos remorsos, está dando o primeiro passo no caminho da redenção.** Ninguém poderia poupar ao espírito tal crise, às vezes bastante longa e terrível, pois **apenas através dela o “corpo etéreo” se purificaria dos “fluidos impuros” que o poluíam e o deixavam pesado** e que se acumularam por causa das vibrações do comportamento ignóbil ou indigno do próprio espírito, durante a existência terrena. Tais “fluidos impuros” haviam fatalmente – **em virtude da lei de afinidade – obrigado o**

espírito a gravitar rumo a regiões infernais. Só com a ação depuradora provocada pela crise dos remorsos é que seu “corpo etéreo” se tornaria mais leve, se elevaria e gravitaria – **também por lei de afinidade** – rumo à esfera espiritual imediatamente superior.

Quanto aos espíritos endurecidos no mal, incapazes de remorsos, eles ficariam em região infernal, **mergulhados em trevas gradativas, às vezes em solidão, outras em companhia dos seus pares**, enquanto não chegasse para eles também o momento da tomada de consciência e dos remorsos. **Isso às vezes se prolongaria por séculos**, mas, uma vez que também os **espíritos dos maus não seriam abandonados a si mesmos**, passariam a ser vigiados e **socorridos por espíritos-missionários destinados a essa função.**
(⁷⁵)

d) Caso XXVIII (Dos comentários de Bozzano):

Este outro episódio é semelhante ao anterior pelas formas de **penas morais infligidas ao espírito comunicante**, com o agravante, porém, que a sua cegueira moral, por ser congênita e quase irredutível, **levou-o a gravitar em um dos primeiros “escalões” das chamadas “Esferas de provação” por longos e longos anos.** Quero destacar, além disso, que o

desencarnado comunicante, como no caso acima, teria se manifestado com o objetivo de narrar sua própria história com o objetivo de fornecer ensinamento aos vivos e de alcançar a própria redenção. **A reprodução desta última circunstância em numerosos casos do gênero é altamente sugestiva e instrutiva.**

[...].

Na hora fatal de prestar contas, **em consequência da inexorável “lei de afinidade”, ele gravitou pela morada espiritual que lhe era destinada, e que pertencia já às assim chamadas “Esferas de provação”.** Por seu temperamento obstinado, **ali ficou por um século e meio,** até que conseguiu dar o primeiro passo rumo à redenção, através do purgatório dos remorsos, e graças à intercessão de “João, o marceneiro”.

O comunicante iniciou a primeira mensagem narrando os acontecimentos da sua “crise da morte”, para depois prosseguir **descrevendo as extensas aflições morais sofridas no plano tenebroso em que precipitara.** Fornecerei somente alguns trechos substanciais, pois trata-se de **uma narração que ocupa quase por inteiro as 150 páginas do livro.** Importante revelar que a autora publica no início do trabalho o seguinte atestado, juramentado diante de um escrivão público, no qual coloca a sua assinatura: “Eu, abaixo assinada, juro que o

que escrevi na Introdução e tudo quanto está contido no presente volume é a Verdade, toda a Verdade, nada mais que a Verdade. Afirmo isso diante de Deus.” (Assinado: Isabelle Major Evans.) ⁽⁷⁶⁾

A esta altura, o comunicante passa a contar as cenas de horror que esperavam por ele no momento de despertar e **as ridicularizações atrozes que lhe eram feitas pelos habitantes mais antigos daquela Esfera infernal**, em que a sua vaidosa impenitência o manteve durante um século e meio. Até que não mais resistindo a tamanho sofrimento, ele **lembrou-se do que a voz amiga da “luz azulada”** lhe dissera e gritou desesperadamente: “Lucis, bom Lucis, ajude-me! Ensina-me o caminho da redenção!” **Imediatamente apareceu ao longe uma luminosidade azulada**, mas antes que dela saísse a voz de Lucis, **os demônios que o rodeavam fugiram tresloucados**, se arrastando, pisoteando, sibilando como serpentes... ⁽⁷⁷⁾

e) Caso XXIX:

Faltaria ainda citar alguma **mensagem de “réprobos”, atirados aos mais profundos abismos das “Esferas de provação”**. Mas seria preciso que nos contentássemos com episódios de difícil verificação, e **além disso teríamos de renunciar ao controle indireto das provas de identificação pessoal dos desencarnados comunicantes**. É preciso

observar que **até agora eu me mantive rigorosamente preso ao método científico** de citar apenas casos em que os desencarnados oferecem provas suficientes – às vezes abundantes – e finais, acerca da sua presença espiritual na sessão ou outro local. Ora, não é possível obter tais provas nos casos desse tipo, uma vez que, não se podendo estabelecer contato direto com **os habitantes das “Esferas infernais”, os poucos desencarnados que narram as provações sofridas nas “Jornadas infernais” representam os espíritos já encaminhados para a trilha da redenção** e, conseqüentemente, mortos há muitos anos, ou mesmo séculos. Esses fatos tornam quase impossível a identificação deles.

[...].

O relator desse caso suprime toda a parte em que a desencarnada comunicante narra **a longa sequência de torturas morais às quais esteve submetida durante quase um século**, limitando-se a publicar a parte substancial da sua elevação espiritual desde os “círculos infernais”, até ascender ao “plano astral”, de onde ela chegou a se comunicar com os seres vivos.

Ele escreve: “Durante as minhas longas experiências com a mediunidade de ‘Stella’ obtive as impressionantes confissões de uma ‘Madalena arrependida, que **me contou a história das horríveis torturas morais sofridas nas Esferas infernais.** Tal

mensagem é por demais longa para poder ser publicada na íntegra nesta revista, e terei de me limitar a alguns trechos nos quais ela descreve a natureza das suas culpas e o tipo de sanções expiatórias que daí resultaram. Ela conta:

[...].

“Depois da crise da morte, **despertei e me vi mergulhada em densas trevas**, que, no entanto, não me impediam de perceber que eu havia me transformado em uma megera de uma feiura repulsiva. Em vida eu tinha orgulho da minha beleza irresistível, e agora o meu aspecto tornara-se de tal maneira monstruoso que os próprios espíritos que vinham ao meu encontro, ainda que idênticos em maldade, sofriam arrepios de repulsa quando em minha presença...

[...].

A essa altura, o relator acrescenta:

“Por ocasião de uma segunda manifestação da mesma personalidade desencarnada a caminho da redenção, eu lhe dirigi numerosas perguntas. Das respostas que obtive, selecionei os seguintes trechos:

“O inferno não é propriamente uma região, mas uma condição em que se fica mergulhado nas trevas, torturado por remorsos lacerantes e por crises de desespero impotente. Da minha parte, ouvia o meu menino, que eu tinha deixado morrer de inanição, chorar implacavelmente.

Eram aqueles mesmos choros que eu ouvia em Terra e me haviam deixado impiedosamente indiferente. Agora, ao contrário, me sufocavam a alma, deixavam-me profundamente angustiada.

“Eu tinha também **diante de mim a visão dos meus pobres pais envergonhados**, arcados sob o peso de uma humilhação tremenda que levou os dois a morrer do coração. Eu os via como se estivessem vivos, e **não podia fugir dessa cena dolorosa**.

[...].”

O episódio exposto parece um exemplo bastante eficaz e instrutivo a respeito da natureza das sanções pelas quais deveriam passar os maus, confinados nos “círculos” profundos das **“Esferas infernais”**; “círculos” que diferem entre si pela natureza específica das torturas morais às quais sucumbem os condenados de acordo com os múltiplos aspectos das suas ações. Entretanto, **as próprias torturas teriam em comum um princípio único, segundo o qual não poderia ocorrer a redenção espiritual sem o merecido suplício moral do “purgatório do remorso”**. ⁽⁷⁸⁾

4) Força organizadora ou ideia diretriz

a) Caso IV (dos comentários de Bozzano):

[...] se o pensamento e a vontade são forças organizadoras capazes de levar à materialização, mesmo no plano terreno, então se deveria deduzir logicamente que estas mesmas forças venham a se exercitar com maior eficiência no mundo espiritual; e sendo assim disso resultaria que uma primeira demonstração dos poderes adquiridos pelos espíritos desencarnados deveria exercer-se justamente sobre a remodelagem dos seus "corpos etéreos"; de resto, isso poderia inclusive realizar-se sem que os mortos tivessem conhecimento do fato; vale dizer, **para efeito de um automatismo inerente à misteriosíssima "força organizadora", que na existência terrena já havia plasmado os seus "organismos somáticos"**. Reflitamos por um momento: o que pode haver de mais extraordinário do que um ovo de galinha, do qual, após 21 dias sendo chocado, surge um gracioso pintinho vivo, saltitante, piando, protegido por uma espessa penugem, e capaz de alimentar-se por conta própria? Diante de um milagre desses, o fato da existência no mundo espiritual da mesma "força organizadora", em virtude da qual **os "corpos etéreos" dos desencarnados que envelheceram na Terra voltariam a ser jovens**, parece um fenômeno muito menos extraordinário; por isso, as afirmações unânimes dos desencarnados a esse respeito deveriam ser acolhidas como revelações de uma verdade que não é

apenas concebível, mas logicamente indubitável para quem já tiver se convencido, com base nas investigações metapsíquicas, da existência e da sobrevivência do espírito humano. (79)

5) Perispírito e órgãos

a) Caso XII:

“Outra pergunta que surge naturalmente entre vocês é a seguinte: **Come-se e bebe-se no mundo espiritual? Não, com certeza, da maneira pela qual vocês todos satisfazem tais necessidades corporais** (que infelicidade para mim, que gostava tanto!). **De qualquer maneira, o ‘corpo etéreo’ em tudo correspondente ao ‘corpo carnal’: ainda conserva órgãos digestivos parecidos, mas não idênticos, aos terrenos; isso significa que no ‘plano astral’ o corpo ainda está longe de ser perfeito.** Tampouco pode sê-lo enquanto se permanece em um ‘plano de existência’ tão próximo do mundo dos vivos. Disso resulta que **ele conserva ainda alguma afinidade com o plano físico: embora ele não exija mais alimentos sólidos, tem ainda necessidade de assimilar essências e líquidos especiais para este ‘plano espiritual’, os quais nós ingerimos em formas condensadas de natureza etérea.**

“O que fazemos? Quais são as nossas ocupações? Ei-las: nós nos exercitamos em benefício de todos da forma que mais se harmoniza com as nossas tendências ou vocações. Nesta **primeira Esfera espiritual** em que me encontro já **existem maravilhosos sistemas de educação, instituições e laboratórios científicos, espiritualmente entendidos**, que compreendem em si todas as condições pelas quais o homem adquire a prática do trabalho no mundo dos vivos. Posso imaginar que a esta altura algum amigo meu comerciante vai dizer: A minha experiência de trabalho é ser banqueiro, e no mundo espiritual, com certeza, não existe dinheiro. Não, certamente, porque o dinheiro é uma convenção inerente exclusivamente à existência terrena, enquanto aqui **as nossas aspirações materiais são satisfeitas com a potência do pensamento: basta pensar para criá-las...** Eu trabalho mentalmente, e em certo sentido fisicamente também, uma vez que **produzo etereamente as coisas que desejo**. Todos sentimos a necessidade suprema de agir, de nos ocupar, de trabalhar; e eu me abandono a orgias de trabalho, pois em ambiente espiritual nos sentimos verdadeiramente livres, sempre prontos para a ação e decididos a criar. **As minhas energias não são mais dificultadas ou reprimidas pelas penas corporais, pelas crises de cansaço ou por esgotamentos nervosos, o que não pode ser evitado no**

mundo dos vivos... Quando se sai do mundo de vocês abandona-se o ambiente de Vida mais rudimentar pelo qual o espírito deve passar, quando pela primeira vez se torna consciente de si como individualidade pensante. Note, entretanto, que nós todos vivemos outras vezes como espíritos encarnados. Tenho certeza do que estou afirmando. ⁽⁸⁰⁾

b) Caso XIX:

E aqui me vem à mente uma ideia que, apesar de não estar ainda bem desenvolvida, não consigo evitar de passar para o papel: uma vez que as pesquisas sobre hipnose revelaram **a existência no homem de uma “memória integral inconsciente”, em que estão indelevelmente gravados todos os acontecimentos da vida**, e que o mesmo prodígio se realiza em proporções infinitas no éter cósmico, no qual estão indelevelmente gravados todos os eventos do universo criado, disso resulta que por lei de analogia se é levado a concluir que o substrato da “memória integral inconsciente” deve ser constituído por uma modalidade sui generis de “éter vitalizado”. **E eis assim confirmada, de um ponto de vista inesperado, a existência no homem de um “cérebro etéreo” imanente no “cérebro somático”, do mesmo modo que no “corpo somático” existia imanente um “corpo etéreo” gerador dos fenômenos de**

desdobramento. Ora, como isso equivale a reconhecer a identidade da natureza entre o “éter do espaço” e o “éter vitalizado” imanente no “cérebro somático”, a conclusão é que **o “cérebro etéreo” aparece como o órgão permanente e imortal da consciência humana** identificada, assim como o “éter do espaço” é o órgão permanente e eterno da memória do infinito, ou seja, da “Consciência Cósmica Impessoal”, que é o mesmo que dizer Deus.
(⁸¹)

6) Perispírito e cordão fluídico

a) Caso XV:

(Espírito) “Farei o melhor que puder para contar a você as minhas próprias impressões a respeito, para que possa compará-las com aquelas de quem está me falando, e que eu fique conhecendo através da sua mentalização. As minhas impressões foram consideravelmente diferentes, pois eu fui morto quase instantaneamente.

“Num primeiro momento eu via a mim mesmo, ou melhor, **sentia-me fora do corpo físico**, mas sem corpo espiritual perceptível, que, porém, **à medida que o processo de separação progredia**, foi se condensando, assumindo uma forma visível e definida. **Uma espécie de cordão fluídico que saía da cabeça mantinha-me vinculado ao corpo**

físico, e eu fazia grandes esforços para me livrar dele. Quando afinal o consegui, encontrei-me como que suspenso no ar sobre o campo de batalha, de onde via, ansioso, as fases dramáticas da luta. Entretanto, **caí rapidamente em condições de inconsciência e, ao despertar, encontrei-me em uma espécie de corredor de hospital, onde enfermeiros me explicaram que eu tinha morrido em combate, e que estava no mundo espiritual.** Depois disso, permaneci por mais um longo tempo em estado de torpor, e me foi dito que **aquilo era necessário para me libertar da força de atração que o ambiente terreno exercia sobre mim,** atração que era consequência inevitável da morte violenta por mim sofrida. E, de fato, toda vez que eu despertava daquele estado de torpor, sentia me cada vez melhor harmonizado com o novo ambiente e a nova vida. ⁽⁸²⁾

7) Rejuvenescimento

a) Caso IV:

Um primeiro fenômeno no qual estão contidos dados a respeito das **transformações sofridas pelo “corpo etéreo”, depois da “crise da morte”,** relaciona-se com uma das mais consideráveis manifestações conseguidas nesta longa série de experiências, que

consistia na produção, em total escuridão, de maravilhosos retratos em pastel, obtidos com a precipitação direta das tintas, enquanto o casal Taylor segurava as mãos da médium Kate Fox. Nos pastéis eram reproduzidos os semblantes dos espíritos comunicantes, e um deles representava **a avó de Mrs. Taylor** trazendo nos braços a filha desta última, falecida recentemente. **O semblante** da menina resultou em uma perfeita reprodução do original, mas o **da avó, que vivera até uma idade avançada, era ao contrário a reprodução perfeita daquilo que ela havia sido aos vinte anos.** De qualquer forma, o casal Taylor identificou-a facilmente, pois eles tinham-na conhecido ainda quando jovem, e o rosto dela exprimia uma beatitude celeste.

Ao apresentar o retrato aos Taylor, **o espírito-guia Franklin** fornecera as seguintes explicações:

“No mundo espiritual a velhice não existe, todos renascem para a nova vida readquirindo o frescor juvenil; e assim aconteceu com a sua avó. Ela desabrochou do seu antigo invólucro, como uma borboleta do seu casulo, tornando-se de novo uma bela jovem que recomeçou a existir com o impulso vital, a exuberante atividade, as nobres aspirações que caracterizavam na Terra a sua idade juvenil. No retrato que dela apresentamos a você nota-se pela expressão do rosto os sentimentos de entusiasmo e de felicidade que vibram no seu ser” (*Ibidem*,

pág. 156) ⁽⁸³⁾.

E o espírito da avó, que por sua vez se manifestou, falou da seguinte maneira:

“Lembrem-se de que eu **voltei a ser jovem. Assim que renasci no mundo espiritual readquiri o frescor juvenil, revi a mim mesma na flor da idade.** Como estou feliz por reapresentar-me a vocês rejuvenescida, sem as deformações da velhice!” (*Ibidem*, pág. 142).

É oportuno observar que **essas formas de existência espiritual, segundo as quais aqueles que morrem em idade avançada retornam à juventude, são reafirmadas incontáveis vezes pelos desencarnados que se comunicam e não parecem certamente inesperadas ou inverossímeis, muito menos improváveis ou absurdas.** Ao contrário! Parece, isso sim, rigorosamente lógico que, se o espírito sobrevive e conserva uma aparência humana nas primeiras Esferas espirituais de vida, então deve acontecer algo semelhante em relação ao involucro do espírito, uma vez que **não seria possível imaginar-se um ambiente espiritual povoado por velhos e por crianças que permanecessem sempre nessa condição.** ⁽⁸⁴⁾

b) Caso IX:

"O seu irmão prossegue contando o encontro com o pai dele. Tudo isso

aconteceu em um instante do tempo de vocês, mas para seu irmão, que computava o tempo em razão da intensidade e do acúmulo dos eventos, os segundos pareceram horas. **Em um primeiro momento ele não reconheceu o próprio pai**, o que ocorre com uma certa frequência: antes de qualquer coisa porque **os desencarnados tão esperam encontrar os seus entes queridos; depois, porque a aparência desses últimos em geral sofreu mudanças**. Entre nós também existe um desenvolvimento do ‘corpo etéreo’... **Uma criança cresce até alcançar a maturidade, enquanto um velho retorna por sua vez à maturidade, pois volta a ser jovem**. O seu pai veio a falecer em plena maturidade; ainda assim o filho não o reconheceu porque muitos anos haviam se passado, e **o pai tinha alcançado no mundo espiritual um estado de radiante beleza**. No entanto, reconheceu-o assim que ele lhe dirigiu a palavra, Não é possível enganar-se no mundo espiritual. ⁽⁸⁵⁾

c) Caso XX:

“Quando o meu ‘anjo da guarda’ me levou até **os meus desencarnados conhecidos**, encontrei cinco ou seis deles reunidos, **entre parentes e amigos**. Mas a maior e mais bela surpresa para mim foi o encontro com a minha irmãzinha que **morrera na infância e que tinha a mesma aparência de menina do momento da sua partida**, há muitos

anos. Na época, fora como se eu a tivesse perdido para sempre. Já podemos compreender que ela havia assumido a aparência de menina para que eu pudesse reconhecê-la. Mais tarde, entretanto, depois que parentes e amigos haviam me dado as primeiras noções sobre as forma de vida espiritual, **minha irmãzinha retomou a sua aparência atual, ou seja, a de uma esplêndida jovem.**

“Não há nenhuma dificuldade para nós em assumirmos temporariamente a forma que desejamos diante das necessidades do momento... Não, não pretendo dizer – como você está pensando – que podemos assumir permanentemente qualquer aparência: podemos apenas ter durante algum tempo a forma que se nos faz necessária diante das circunstâncias do momento, uma vez que o pensamento não é apenas capaz de ser artista, pintor e escultor, mas também de manipular à vontade o próprio ‘corpo etéreo’. De qualquer maneira, nós não precisamos recorrer a tais manipulações em ambiente espiritual, exceção feita para as ocasiões em que chegam da Terra parentes e amigos dos quais estávamos separados há muito tempo. Nesses casos, **recorremos à capacidade criadora do pensamento a fim de assumirmos aparências tangíveis** de acordo com as lembranças distantes dos recém-chegados.”⁽⁸⁶⁾

8) Espíritos não se reproduzem

a) Caso XX:

“Caro William, todas as concepções terrenas relativas ao amor são mais ou menos percebidas pelo fato de que **a união entre os sexos se localiza nos órgãos físicos indispensáveis à procriação**. Entretanto, esse grande objetivo de gerar, não mais existe – **aqui no nosso mundo não nos multiplicamos e, consequentemente, não procriamos** – então não existe mais a convergência de todos os sentimentos de amor às regiões destinadas a fecundar. Quando nos unimos harmoniosamente com um espírito do outro sexo por quem nos sentimos atraídos, **não temos necessidade de órgãos especializados para esta união, pois os órgãos tornam-se para nós um anacronismo como o apêndice no corpo humano.**” ⁽⁸⁷⁾

9) Visão panorâmica ou retrospectiva da vida

a) Caso I:

“No instante da morte eu revi como em uma cena panorâmica os acontecimentos de toda a minha existência. **Cenas e ações vividas passaram diante de meus olhos** como se estivessem impressas em minha mente em fórmulas luminosas. [...]” ⁽⁸⁸⁾

b) Caso II:

“[...] suponho ter passado um período relativamente longo em condições de inconsciência, ou de sono (o que, de resto, ocorre comumente, embora isso não se realize em todos os casos), [...] Logo que readquiri o conhecimento das coisas, **todos os acontecimentos da minha vida desfilaram diante de mim como em um grande panorama: e eu revi todo o meu passado**, incluindo-se o último episódio, o da minha desencarnação. A visão passou à minha frente com **tamanha rapidez**, que quase não tive tempo de refletir, porque me sentia envolvido por um redemoinho de emoções. [...]” ⁽⁸⁹⁾

c) Caso III:

“Como quando somos colhidos pelo sono, durante o qual podemos nos lembrar de alguns pensamentos ocorridos antes de adormecer. Mas não nos lembramos do momento exato em que o sono toma conta de nós. Isso é o que acontece no momento da morte. Só que um instante antes da crise fatal, a minha mente esteve extremamente ativa, e **lembrei-me de súbito de todos os acontecimentos da minha vida: vi e ouvi tudo o que eu tinha feito, dito, pensado, ou a quem eu estivera ligado**. Lembrei-me até mesmo dos jogos e das brincadeiras no acampamento militar, e pude desfrutá-los como no momento em que tinham

acontecido.”⁽⁹⁰⁾

d) Caso VI:

“Uma das minhas primeiras revelações depois da morte foi descobrir a mim mesmo. **A minha real individualidade surgiu-me à frente com toda a sua crueza**, e tal revelação certamente não foi lisonjeira para mim...”⁽⁹¹⁾

e) Caso IX:

“Além disso, seu irmão conta: **‘Vi passar diante do meu olhar todos os acontecimentos da minha vida em que eu me comportara mal.’** Esse é um fenômeno extremamente importante da existência espiritual, e comum a todos. Em geral, ocorre como prelúdio para a sanção à qual todos devemos nos submeter por nossas culpas; e corre diante de nós, em um instante, mas nos oprime com o volume do seu conteúdo, e nos perturba, e nos impressiona pela intensidade dos sentimentos redespertados. **Quase sempre vemos a nós mesmos como fomos desde o berço até a sepultura.** Não saberia lhe dizer exatamente como isso ocorre; mas o motivo para isso acontecer reside em uma circunstância natural da existência terrena, durante a qual **cada ação feita por nós, cada pensamento por nós formulado, quer para o bem quer para o mal, são gravados indelevelmente no éter vitalizado imanente** ⁽⁹²⁾ em nosso

organismo. Nós imprimimos e fixamos vibrações no etéreo, e tal procedimento tem início por ocasião do nosso nascimento...”⁽⁹³⁾

f) Caso XVII:

“Então, voltei a ter um pouco de sonolência, uma vez que aqueles filamentos luminosos me vinculavam ainda ao mundo dos vivos, deixando a minha mente adormecida. Descansei durante algum tempo... Mas não se tratava de sono: era uma espécie de torpor delicioso. E **então uma multidão de antigas e felizes lembranças invadiram-me a mente:** lembranças de tempos passados com você e com muitos outros; mas tudo surgia com tranquila serenidade.”⁽⁹⁴⁾

10) Incorporação (possessão)

a) Casos XXII – XXIII – XXIV:

Alguns dias depois, Fitz-Simons teve oportunidade de assistir a uma sessão com uma outra médium, que era uma distinta e rica senhora. Ele era um desconhecido para todos e não se identificara. Logo “Annie” se manifestou e com grande esforço chegou dizer: “Eu sou Annie, a sua prima. Não posso falar, porém mais tarde poderei, com esta mesma médium.” É bom lembrar que a médium mostrara os sintomas dos

sofrimentos aos quais Annie fora submetida durante a crise da agonia, fenômeno que muito raramente deixa de acontecer **quando um espírito se manifesta pela primeira vez através de um médium por “incorporação”**. Trata-se de uma forma de automatismo do qual **o desencarnado não pode se esquivar no momento de retomar contato com a vida tema através da incorporação no organismo de outrem**. O fenômeno é teoricamente importante, uma vez que não pode ser explicado com a “leitura do pensamento”, que de resto está absolutamente excluída no caso em questão, pois Fitz-Simons jamais acontecera a falecida e nada sabia a respeito da sua morte. ⁽⁹⁵⁾ (itálico do original)

11) Lei de atração: semelhante atrai semelhante

a) Caso VI:

“Mas então onde se encontra o espírito recém-nascido? Muito bem: ele emergiu naquele estado de existência que as suas condições mentais, morais, espirituais tornavam o único possível para ele. **O plano que o acolhe é determinado pelo grau de espiritualidade em que se encontra**. Através da morte ele **alcança aquela morada espiritual que preparou para si mesmo** e não pode ir para nenhum outro lugar. São as qualificações espirituais que fazem com que ele grave com infalível

precisão para aquelas condições de existência que são matematicamente correspondentes aos seus méritos e deméritos. **A grande 'lei de afinidade' governa o processo, que se mostra inexorável.** Depois da morte, o homem vai para o ambiente que ele preparou para si mesmo e não pode acontecer outra coisa. **Ele encontra os próprios semelhantes, gravita rumo àquelas regiões espirituais** onde ficará plenamente à vontade, como na própria casa. A sua futura morada já se encontra no âmbito da própria alma, e os seus companheiros espirituais são os seres semelhantes a ele. Em outras palavras: o espírito desencarnado, graças à **benéfica e justa 'lei de afinidade', por força da qual 'cada semelhante atrai o seu semelhante',** gravita no único ambiente que pode adaptar-se às suas condições de evolução espiritual, de elevação moral, de cultura intelectual, da forma que ele mesmo determinou pela própria atividade terrena. Ele vai para onde deve ir... ⁽⁹⁶⁾

b) Conclusão (da lista dos detalhes fundamentais):

12º) Aprenderam que **os espíritos dos desencarnados gravitam fatal e automaticamente rumo à esfera espiritual que lhes compete, devido à "lei de afinidade".** ⁽⁹⁷⁾

12) Esferas espirituais

a) Caso I:

“Quis informá-lo a respeito de tudo isso para que você possa enviar uma palavra de conforto àqueles que imaginam que os seus familiares mortos nas mesmas circunstâncias que eu tenham sofrido agonias terríveis no momento de se afogar... Não há palavras para descrever a felicidade que senti ao me dar conta de que **vinha ao meu encontro ora uma, ora outra das pessoas que eu mais amara na Terra: todas acorriam para me dar as boas-vindas nas Esferas dos imortais**. Por não ter estado doente e por não ter sofrido, eu estava em condições de me adaptar imediatamente à nova existência...” (Ibidem, pág. 303). ⁽⁹⁸⁾

b) Caso X:

Assim eu me expressei nesse artigo e não me parece necessário acrescentar mais nada, exceto uma observação genérica a respeito da natureza das projeções do pensamento em ambiente espiritual, as quais, se do ponto de vista da evolução posterior do espírito deveriam ser consideradas efêmeras, sob o aspecto da existência espiritual **nas Esferas** em que são determinadas, as próprias projeções deveriam ser tidas como positivamente substanciais. Vale dizer que em uma atmosfera espiritual cuja densidade

específica fosse aquela etérea cósmica, e na qual o corpo de que estariam revestidos os espíritos fosse constituído por “éter vitalizado”, **até a paisagem geral seria uma projeção da vontade de entidades superiores no governo das Esferas espirituais** em disco – assim como as criações particulares resultariam da vontade dos espíritos – **tais projeções** deveriam ser consideradas reais, realíssimas, uma vez que **teriam a mesma consistência e seriam constituídas pelo mesmo elemento imaterial de que se compõe o organismo espiritual dos seres que nele habitam**; assim como parecem consistentes aos seres vivos todas as coisas que os rodeiam, pois o ambiente em que vivem é formado pelos mesmos elementos físicos que constituem o organismo corpóreo de que são revestidos. ⁽⁹⁹⁾

c) Caso XII:

“Era natural que o meu marido, depois de alcançar o supremo intento de me convencer a respeito da própria presença espiritual, fornecendo-me provas e mais provas de natureza irresistível, desejasse completar a merecedora ação descrevendo-me as vicissitudes do seu transporte ao ambiente espiritual, assim como os detalhes sobre a sua nova existência, nos limites em que podia conhecê-la depois de uma permanência ainda curta na **primeira Esfera**

espiritual. Comportando-se dessa maneira, propunha-se também fornecer-me provas complementares de todo tipo a respeito da vida no além, com o objetivo de me induzir a transmitir a outros o benefício das minhas novas convicções. ⁽¹⁰⁰⁾

Passando a analisar as informações fornecidas pelo espírito comunicante, enfatizo que elas concordam admiravelmente com as relatadas em todas as revelações do gênero, exceção feita para uma informação que aparentemente estaria em contradição com outra análoga. Essa informação foi ditada pelo finado arcebispo Wilberforce (Caso XI). Na verdade, o arcebispo informa que **na Esfera espiritual** em que se encontra não mais existe a necessidade de se alimentar, sendo o ar que respira suficiente para sustentar o “corpo etéreo”, enquanto o espírito “Hinchliffe” afirma que **na Esfera em que ele se encontra ainda existe a necessidade de se alimentar**, apesar de **não se tratar de alimentos sólidos, mas sim de essências e de líquidos espirituais condensados pelo éter**. Os leitores devem ter compreendido que tal contradição é apenas aparente, ou melhor, não existente, já que o espírito Wilberforce refere-se à “Segunda Esfera” espiritual na qual se encontra, enquanto o espírito “Hinchliffe” **fale do que acontece no “plano astral” em que ele está**. Nenhuma contradição, portanto, mas apenas simples e instrutivas variações

de *detalhes secundários* correspondentes a estados espirituais diversos. ⁽¹⁰¹⁾

d) Caso XVI:

“[...] A minha percepção penetra o que foi, percebe o que é, e vai mais além, projetando-se para o mais longínquo futuro. Mil anos equivalem a um dia para aquele que pode ver no passado e no futuro simultaneamente. Enfim, cada sequência de pensamentos de um espírito **em minha Esfera** seria suficiente para ocupar toda uma vida terrena, e nós dispomos de um número ilimitado de tais sequências. Como isso tracei para você um pálido esboço da inimaginável potência do espírito na existência desencarnada...” (págs. 175-176). ⁽¹⁰²⁾

e) Caso XVIII:

“Apesar de tudo, reconheço agora que fui libertado do corpo com relativa facilidade, e acredito que as pessoas que morrem de repente devem sofrer mais do que eu. Como disse, eu presumo que o período de desorientação e de angústia não foi de longa duração para mim. Entretanto, resta o fato de que enquanto nos encontramos no segundo estado da **primeira Esfera**, atravessa-se um período de inconsciência, seguido por um outro período de semiconsciência, que não é a existência espiritual, e no qual se ignora a existência espiritual. Enquanto eu permaneci em tal estado, não cheguei a entrar em

contato com a minha mãe. Sentia como se estivesse vagando nas trevas à procura dela, mas sem jamais ter a certeza de estar a seu lado. A minha passagem para **o terceiro estado da mesma Esfera** trouxe uma mudança súbita maravilhosa. Senti-me plenamente desperto, repleto de vitalidade, consciente de me encontrar no mundo espiritual. E então pareceu-me bastante natural ver o meu pai vindo ao meu encontro, e ele logo me informou do ocorrido. Lembro-me da viva impressão que senti ao reencontrá-lo com o aspecto tão transformado. Ele me acolheu como um irmão, como um amigo muito querido, e conversamos longamente sobre você, mamãe. Eu disse a ele que pretendia vir visitá-la custasse o que custasse: ele observou que tinha ouvido dizer que era possível, ainda que nunca houvesse tentado. ⁽¹⁰³⁾

f) Caso XXI:

“[...] Todos esses fatos que me revelaram a grande verdade: **a vida nestas Esferas** há de ser uma alegria permanente. A fim de alcançar uma semelhante meta, valia portanto a pena passar por uma vida de luta e de sofrimentos. Agora tenho a sensação de ter vivido na Terra uma existência de sonho. Apenas esta, de fato, é a vida real: a outra era uma sombra de vida. [...]. ⁽¹⁰⁴⁾

Passemos, agora, a outros oportunos comentários de Ernesto Bozzano que merecem ser destacados dessa sua obra:

1º) Caso X:

“Diante disso, pergunta-se o que há de absurdo, de ridículo, de inconciliável com a existência espiritual em tudo o que descrevem os espíritos comunicantes. Ao contrário, poderíamos dizer que **não há nada mais racional, do ponto de vista psicológico e terapêutico, do que os processos de desintoxicação que se realizariam nas esferas espirituais**, a fim de libertar gradualmente os espíritos desencarnados dos vícios adquiridos durante a existência terrena; processos em tudo semelhantes aos adotados na Terra para 'desintoxicação' dos 'alcoólatras' e dos 'toxicômanos', aos quais não se interrompem bruscamente os seus hábitos – uma vez que isso provocaria desordens funcionais extremamente graves –, mas sim seguindo-se uma pequena aplicação, cada vez menor, das doses de álcool ou de drogas. **Vale, portanto, a pena perguntar-se mais uma vez: por que se deveria considerar absurda e ridícula a notícia de que no mundo espiritual se segue o mesmo sistema racional de 'desintoxicação' dos vícios contraídos na Terra pelos espíritos desencarnados?** Não

são então idênticas as leis psicológicas que governam o espírito humano encarnado e desencarnado? E, se assim é, por que os processos de 'desintoxicação' eficazes e indispensáveis em um estado de existência não deverão resultar tão eficazes e indispensáveis no outro? [...].” (105)

2º) Caso XXVI (dos comentários de Bozzano):

Os episódios que citamos até agora referem-se a exemplos de desencarnados que **se encontram nas mais diversas regiões, ou ‘estados’, do assim chamado ‘plano astral’.** Nesse lugar, **pela “lei de afinidade”, gravitariam durante um período de tempo mais ou menos longo todos os espíritos dos desencarnados que levaram na Terra uma vida moralmente normal.** Falta-nos, portanto, citar algum episódio em que fossem observados os acontecimentos pelos quais passam, durante e depois da crise da morte, os espíritos dos maus, obrigados a gravitar – e sempre em decorrência da **lei de afinidade** – nas **‘Esferas de provação’**, correspondentes ao ‘Inferno’ dos cristãos. É bom deixar claro que ali não há torturas físicas e que os sofrimentos morais não são eternos, mas sim transitórios. Entretanto, devo declarar que não consegui encontrar um único exemplo de desencarnado afundado nas **Esferas infernais** que tenha vindo transmitir

mediunicamente a narração da sua triste vicissitude. Isso seria de certa forma fácil de explicar, uma vez que raramente, e **talvez jamais, se estabeleceriam relações mediúnicas com entidades existentes nas mais baixas Esferas de provação**. Essas condições seriam conhecidas graças às descrições transmitidas por numerosos espíritos comunicantes que habitam planos espirituais elevados.

Quanto aos espíritos existentes nas **Esferas de provação 'intermediárias'**, um pouco inferiores as camadas baixas do 'plano astral', observo que alguns descrevem os eventos de sua entrada no mundo espiritual, sendo notável o caso já famoso do escritor inglês Oscar Wilde. ⁽¹⁰⁶⁾

São esses os pontos importantes que julgamos oportuno mencionar dessa extraordinária obra de Ernesto Bozzano.

Quem acompanha nosso trabalho, perceberá que não fizemos nenhum comentário relativo ao teor de nenhuma das transcrições. Isso foi de propósito, pois o nosso objetivo é deixar a cada um a tarefa de relacioná-los com as obras da Codificação e/ou as que surgiram posteriormente, conforme seu próprio juízo.

Pesquisa de Bozzano em *Os Animais Têm Alma?*

Em nosso ebook *Animais, Percepções, Manifestações e Evolução as seguintes informações* ⁽¹⁰⁷⁾, analisamos o teor dessa obra de Ernesto



Bozzano. Será o que contém nele que usaremos no presente capítulo.

Vejamos o que ele disse no Prefácio de *Os Animais têm alma?* (1950):

[...] Deve-se acrescentar ainda a estas categorias episódios de **materializações de formas de animais** obtidas experimentalmente e, enfim, **aparições post-mortem, de formas de animais identificados**, circunstância que apresenta um valor teórico considerável, já que permite apoiar a hipótese da sobrevivência da psique animal.

O exame deste ramo dos fenômenos **metapsíquicos** foi completamente esquecido até aqui, embora nas revistas metapsíquicas

e, sobretudo, nas coleções dos *Proceedings* e do *Journal* da excelente *Society for Psychical Research*, de Londres, encontrem-se numerosos casos do gênero, mas **esses casos nunca foram recolhidos, classificados e analisados por ninguém, tendo-se, aliás, escrito e discutido bem pouco a respeito deles**. Não há, pois, grande coisa a se resumir relativamente às teorias formuladas a este respeito.

[...].

Para uma outra classe de fenômenos e precisamente para a **das aparições de fantasmas de animais**, supõe-se um fenômeno de alucinação pura e simples da parte do percipiente, mas **a análise comparada dos fatos** mostra que, **muitas vezes, os fantasmas animais são percebidos coletiva e sucessivamente**. Elas são, além disso, identificadas com as de animais que viveram e morreram na localidade, e mais, que **os percipientes ignoravam que esses animais, vistos nessas condições tivessem existido**.

Assim sendo, é preciso concluir que, de modo geral, as duas hipóteses de que acabo de tratar são insuficientes para considerar os fatos. Essa conclusão é de grande importância teórica, pois que ela **nos força a admitir a existência de uma subconsciência animal, depositária das mesmas faculdades supranormais que**

existem na subconsciência humana e, ao mesmo tempo, ela nos leva a reconhecer a possibilidade de “aparições verídicas” de formas ou almas de animais. ⁽¹⁰⁸⁾

Diante da realidade que os fatos apresentaram, concluiu o autor: *“Resulta daí todo o valor científico e filosófico deste novo ramo das pesquisas psíquicas”*. ⁽¹⁰⁹⁾

Em ***Os Animais Têm Alma?***, além de 130 casos que corroboram faculdades sensitivas dos animais, Ernesto Bozzano cita dez casos de materializações de animais. Resolvemos elaborar a seguinte lista a fim de proporcionar uma visão geral dos casos constantes na obra:

1. Alucinações Telepáticas nas quais um animal desempenha o papel de agente (p. 13-40): 23 casos;
2. Alucinações telepáticas nas quais um animal é o 02 percipiente (p. 41-44): 03 casos;
3. Alucinações telepáticas percebidas coletivamente pelo animal e pelo homem (p. 45-56): 21 casos;
4. Visões de espíritos humanos tidas fora de qualquer coincidência telepática e percebidas

coletivamente por homens e animais (p. 57-75): 20 casos;

5. Animais e premonições de morte (p. 77-87): 09 casos;
6. Animais e fenômenos de assombração (p. 89-113): 40 casos;
7. Visão e identificação de fantasmas de animais mortos (p. 125-146): 14 casos;
8. Materializações de animais (p. 115-124): 10 casos.

Entendemos que, fora os dez casos de materializações, dos 130 casos 89 não deixam margens a dúvidas quanto ao fato de que os animais têm alguma capacidade de percepção “*extrassensorial*” ou “*psíquica*”, como se queira denominá-la.

Nele temos 51 casos relativos a manifestações de espíritos de animais, até mesmo relatando dez materializações, que, conforme se vê, não constam do total de 130.

Na obra **Os Animais Têm Alma?**, Ernesto Bozzano registra este caso:

Caso IX – (Auditivo-coletivo) – Destaco do quarto volume, páginas 289/290, do *Journal of the Society for Psychical Research*, o seguinte caso, narrado pela sra. Beauchamp, de Hunt Lodg, Twiford, numa carta dirigida à sra. Wood, de Colchester, narração da qual extraímos o trecho a seguir:

Megatherium é o nome do meu cachorrinho hindu, que dorme no quarto de minha filha. Na noite passada, acordei subitamente ao ouvi-lo saltitar no quarto. **Eu conhecia bem a sua maneira de saltitar,** muito característica. Meu marido, por sua vez, não tardou a despertar. Interroguei-o, dizendo: **“Você ouviu isto?” e ele me respondeu: “É Meg”.** Acendemos logo uma vela, procuramos por todas as partes, mas não pudemos achá-lo no quarto porque a porta dele estava bem fechada. **Então ocorreu-me a ideia de que alguma desgraça sucedera a Meg. Tinha o pressentimento de que ele havia morrido naquele momento.** Consultei o relógio para precisar a hora e pensei que devia descer e ir imediatamente assegurar-me de minha intuição, embora isto me pareceu um absurdo, e, depois, fazia tanto frio... Fiquei indecisa um instante e o sono voltou.

Pouco tempo devia ter-se escoado quando alguém veio bater à porta. Era a minha filha que, com uma expressão de grande ansiedade, exclamou: “Mamãe, mamãe, **Meg está morrendo.**” Descemos a escada de um salto e

achamos Meg virado de lado, com as pernas esticadas e rígidas, como se já estivesse morto. Meu marido levantou-o do chão e certificou de que **o cão ainda estava vivo**, mas ele não chegou a verificar o que tinha sucedido. Verificou-se finalmente que Meg, não se sabe como, **tinha enrolado a correia** de sua pequena veste em torno do pescoço de tal modo que **quase se estrangulou**. Nós o libertamos imediatamente e, logo que o animal pôde respirar, se reanimou e se restabeleceu.

De agora em diante, se me acontecer experimentar sensações precisas desta natureza a respeito de alguém, proponho-me acudir sem demora. **Juro ter ouvido o saltitar tão característico de Meg perto da cama** e eu afirmar a mesma coisa.

Para maiores detalhes sobre este caso, envio o leitor ao citado número do *Journal*.

Ainda neste caso, cuja gênese claramente telepática parece fora de qualquer dúvida (tanto mais que, desta vez, as pessoas que receberam as impressões auditivas foram duas), neste caso ainda, digo eu, **a manifestação telepática se realiza sob uma forma simbólica, isto é, um apelo urgente de socorro, partindo da mente do cãozinho agente**, chega até ao percipiente transformando em um eco característico do saltitar que o animal fazia cada manhã junto ao leito dos seus donos.

Ora, **é incontestável que uma percepção telepática desta categoria,**

dadas as circunstâncias nas quais ela se produziu, não poderia constituir a expressão exata do pensamento do agente, mas somente uma tradução simbólico-verídica do pensamento do mesmo. Com efeito, **é lógico e natural pensar que um animal a ponto de morrer estrangulado, tenha voltado intensivamente seu pensamento para aqueles que eram os únicos que podiam salvá-lo**, não sendo, ao contrário, admissível, de modo algum, que o animal, naquele momento supremo, tenha pensado, ao contrário, nos pulinhos que ele tinha o costume de dar todas as manhãs junto ao leito de seus donos. ⁽¹¹⁰⁾

Pela particularidade desse caso, julgamos que se pode acreditar na manifestação do espírito de um animal vivo, talvez até mesmo materializado uma vez que se ouviu seus pulos, pois esse é um tipo de fenômeno que também acontece com pessoas vivas, conforme se comprova com os vários casos que Allan Kardec registrou na *Revista Espírita*.

Retornando ao livro ***Os Animais Têm Alma?*** de Ernesto Bozzano, porquanto não podemos deixar de citar este seu pensamento:

Prevejo a objeção que se poderá fazer-me a respeito: a de que os fenômenos de materialização humana, **tanto como os fenômenos de materialização animal**, são explicáveis pela **hipótese ideoplástica** sem que se precise recorrer à hipótese espírita. Respondo que, se a hipótese ideoplástica é suficiente para considerar certas modalidades rudimentares de materializações humanas e animais, se ela é verdadeiramente a causa desses fenômenos, **seria, ao contrário, absurdo e insustentável estender-se essa explicação à classe toda inteira dos fenômenos considerados**. A esse respeito, nunca será bastante repetir que “animismo” e “espiritismo” são bem dois termos inseparáveis de um mesmo problema e que, **por consequência, nas manifestações de todas as espécies, achar-se-á forçosamente em face de modelos de manifestações que são, em parte, “anímicas” e, em parte, “espíritas”**. E não poderia ser de outro modo e seria mesmo absurdo pretender-se o contrário, considerando-se que, em ambos os casos, o espírito que opera é o mesmo, com esta diferença todavia que, em um caso, ele se acha em condição de encarnado e, no outro, de desencarnado. [...]. ⁽¹¹¹⁾

Eis aí seus argumentos que explicam o fenômeno da materialização de espíritos de animais.

Especificamente quanto às manifestações (aparições) e as materializações de animais, que montam em 51 ocorrências, é de todo impraticável transcrevê-las todas, por isso selecionaremos apenas uma de cada categoria.

1ª) Aparição de animais em lugares assombrados (27 casos):

Caso XCII - (Visual, com impressões coletivas) – A sra. J. Toye Warner Staples enviou à *Light* (1921, p. 553) a narração aqui reproduzida e referente a um caso que lhe é pessoal:

Temo verdadeiramente que a minha contribuição ao inquérito sobre a sobrevivência da psique animal não seja de natureza a satisfazer às provas exigidas pela *Society for Psychical Research*, todavia **o fato que vou expor-lhes é escrupulosamente autêntico e digno de confiança**, qualquer que seja a explicação dele.

Minha infância decorreu na parte ocidental da Irlanda e, desde a idade de quatro anos até os seis, morei numa casa muito grande e velha situada às margens do Shannon. Minha família, sendo inglesa, não dava atenção às narrativas da gente do lugar que afirmava que **a nossa residência devia ser assombrada**. Ora, **foi lá que tive a primeira experiência do que se pode chamar de cão fantasma**. Nas horas da

tarde, durante o verão, em **plena luz do dia**, algumas vezes **durante vários dias consecutivos** e outras vezes *com o intervalo de vários meses*, eu **era amedrontada pela aparição, muito nítida e natural, de um cãozinho branco, de raça pomerânia**, que se manifestava a mim na cabeceira de minha cama. **Ele me olhava com a boca aberta e a língua de fora quando estava ofegante** e se comportava como se me visse, **tomando a atitude que teria adotado se tivesse querido saltar para cima de minha cama**. Então eu me espantava terrivelmente, embora tendo a intuição de que **não se tratava absolutamente de um cão em carne e osso**. Por vezes, **quando o cachorro se mostrava perto da janela, eu percebia os móveis do quarto através do seu corpo branco** e me punha a gritar, chamando a minha mãe e exclamando: “Leve-o! Suma com ele!” **Logo que mamãe entrava no quarto, ele a seguia e, quando ela saía, ele saía com ela**. Então eu era levada para baixo e, à força de carinhos, fazer-me esquecer o medo que havia experimentado.

O mais curioso é que, enquanto eu era a única a perceber esse fantasma canino, **quatro outras pessoas o sentiam**.

Na **plena luz** das manhãs de verão, dois membros da minha família – duas mulheres – e uma senhora e um senhor que tinham habitado a casa antes de nós, **perceberam muitas vezes algo constituído de um corpo sólido, com as dimensões e peso de um cãozinho, que parecia pular para as camas, do lado dos pés, para passarem seguida lentamente**

sobre os seus corpos, chegando assim até os ombros e descer para o chão, do outro lado. Em tais ocasiões, os percipientes se sentiam como que paralisados e eram incapazes de se mover, mas, logo depois, eles pulavam do leito e examinava minuciosamente o quarto sem nada ali descobrir.

[...].

Nada de mais incômodo quando não se pode formular uma teoria capaz de explicar, de modo satisfatório, fatos do gênero de que acabamos de narrar e seria talvez melhor passar adiante sem discuti-lo. Caso se pretenda dar uma orientação de qualquer maneira, procedendo pela via de eliminação, dever-se-ia dizer que, no caso em questão, **não poderia tratar-se de percepção psicometria de acontecimentos passados porque o detalhe do cãozinho que olhava em face da percipientes, que se dispunha a pular para cima de sua cama, que seguia os passos de pessoas presentes, saindo com elas,** assim como o outro detalhe das impressões táteis experimentadas por uma das quatro pessoas, evocando um animal que passaria sobre seus corpos, indicam *uma ação no presente* e não uma reprodução automática de *ações que se desenrolam no passado* como deveria unicamente se produzir no caso das percepções psicométricas.

Pela mesma razão dever-se-ia **excluir a hipótese de uma projeção telepática por**

parte de um morto, visto que uma projeção dessa natureza **provocaria a percepção alucinatória de uma forma de animal plasticamente inerte ou que se deslocaria automaticamente, mas nunca a de uma forma animal consciente do meio em que se acha.**

Enfim, mesmo a hipótese alucinatória, entendida segundo o significado patológico deste termo, não poderia ser sustentada, considerando-se que quatro outras pessoas tinham por várias vezes experimentado impressões *táteis* correspondentes às percepções visuais da criança, **o que bem demonstra que, na origem dos fatos, devia haver um agente único que tinha que ser, forçosamente; inteligente e estranho as percipientes.**

Assim sendo, **não restaria a disposição do pesquisador sendo duas hipóteses:** primeiramente, a tradicional ou popular, segundo a qual as formas animais, que aparecera nos lugares assombrados, representam o simulacro simbólico de espíritos humanos de uma categoria baixa e depravada; depois, a graça à qual se supõe que **a psique animal sobrevive à morte do corpo e chega algumas vezes a se manifestar aos vivos.**

Após ter exposto estas observações para satisfazer meu dever de relator, **abstenho-me de toda conclusão, pois que a ausência dos necessários dados não o**

permite. Limito-me a observar que as duas hipóteses que acabo de mencionar podem ambas explicar os fatos pela intervenção de entidades espirituais desencarnadas: no caso da primeira, tratar-se-ia de entidades animais. ⁽¹¹²⁾ (itálico do original)

2ª) Visão e identificação de fantasmas de animais mortos (14 casos):

Caso CXXII – (Visual-auditivo) – A revista espírita *Light* (Luz) publicou em 1921, p. 594, a seguinte comunicação do sr. Ernest W. Duxbury:

O problema da sobrevivência da psique animal não pode ser cientificamente resolvido senão se reunindo um número suficiente de fatos bem verificados que forneçam a prova dessa sobrevivência. As discussões filosóficas não mudam nada as coisas.

O incidente que relato é de data recente e eu só me decido a publicá-lo porque **estou bem certo de sua autenticidade**, quaisquer que sejam as conclusões que se possam tirar dele. Aconteceu com uma dama das minhas amizades e dotada de faculdades mediúnicas, embora nunca se tenha preocupado em desenvolver. Acrescento que conheço pessoalmente as circunstâncias que levaram a referida senhora ao meio em que o fato aconteceu. A narração que reproduzo foi escrita e assinada pela mesma, cujo nome só posso

indicar pelas iniciais N. Y. Z. Eis o que ela escreveu:

“Tendo chegado subitamente do estrangeiro, tive necessidade de alugar um quarto mobiliado numa velha casa de Londres e não tardei em me aperceber de que estava infestado de ratos que ali produziam, durante a noite ruídos de todas as espécies, correndo pelo assoalho e lançando gritos estridentes. Para me proteger desses hóspedes tão indesejáveis, **arranjei emprestada uma bela gata** que me pareceu logo feliz em se achar na minha companhia. Gosto muito da raça felina e a dita gata correspondia bem à minha afeição; dormia na minha cama e colocava as suas patas dianteiras em torno do meu pescoço, roncando tão forte que me impedia de dormir. Infelizmente **a gata ficou doente e, em um certo dia**, entrando no meu aposento, às dez horas, **encontrei-a morta**, para grande e dolorosa surpresa minha.

“Nessa mesma noite, os ratos recomeçaram os seus divertimentos e eu resolvi acender o gás e me pôr a ler, não ousando dormir com tal companhia, mas o depósito do contador do gás estava quase esgotado e às três horas a chama se extinguiu. Acendi então a lamparina e me meti debaixo das cobertas, porque a presença dos pequenos roedores me causava aborrecimento e medo. **De repente, ouvi a gata roncar ruidosamente.** Escutei durante cerca de um minuto, depois do que resolvi levantar a cabeça e olhar

para então observar um estranho fato: **vi, diante da parede aderente a um lado da cama, ao nível de minha cabeça, uma espécie de disco opaco, do diâmetro de uma gata branca e preta, absolutamente igual à que acabara de morrer.** Olhou-me, **fazendo várias vezes um movimento de cabeça da maneira característica da gata morta,** em seguida **o seu corpo se tornou transparente** durante alguns segundos para logo tomar uma forma opaca mais consistente do que a anterior e **então vi a gata olhar para o alto como se lá houvesse alguém.** A aparição era tão real que eu dirigi a palavra à gata como se ela estivesse viva, mas, repentinamente, desapareceu. Em seu todo, o fenômeno foi de curta duração, porém, **durante a noite inteira, não fui mais incomodada pelos ratos,** embora não conseguisse dormir, senão a longos intervalos.

“Não havia nenhuma possibilidade de outro gato entrar no meu quarto, porque a porta e as janelas estavam bem fechadas, além do que, ao romper da manhã, não achei nenhum gato vivo nele. Quando o fenômeno aconteceu, eu não havia ainda adormecido e estava perfeitamente consciente de me achar acordada.”

No caso que acabo de reproduzir, **a descrição de um disco opaco que toma, pouco a pouco, a forma da gata morta recorda de muito perto o processo normal das materializações mediúnicas** e, como o

senhor Duxbury, ao comunicara à *Light* esta narração, teve o cuidado de observar que a senhora deste caso possuía faculdades mediúnicas, **é completamente aceitável que ela tivesse assistido realmente a uma sessão de materialização de animal.** A outra circunstância de que “os ratos não mais se moveram, a noite inteira” testemunharia em favor desta interpretação, porque mostraria que **os roedores perceberam, de algum modo, o fenômeno supranormal e ficaram espantados.** Se se trata, então, de um caso de pura e simples alucinação, os ratos não teriam experimentado os efeitos dela e teriam continuado a correr pelo chão.
(¹¹³)

3ª) Materializações de animais (10 casos):

No decurso das sessões com a célebre **médium senhora Wriedt** da qual o traço mais característico é constituído pelos **fenômenos de ‘voz direta’, obtêm-se muitas vezes materializações de animais** que fazem ouvir as suas vozes. Limito-me a reproduzir dois exemplos.

Na ata das sessões de Cambridge, Inglaterra, que foram realizadas em 1914, um magistrado dessa cidade assim fala delas na *Light*, 1914, p. 296:

Durante a primeira sessão realizada em Wimbledon, a minha esposa sentiu uma pressão característica sobre um de seus pés, mas não soube precisar de que se

tratava. Isso se renovou por várias vezes, dando lugar a diversas suposições por parte dos experimentadores. De repente, **fomos surpreendidos com o latir de um cão** e então perguntamos ao **espírito guia, dr. Sharp, o que nos poderia dizer a respeito desses latidos** e ele nos respondeu: **“Está aqui um cão fraldiqueiro que pertencia à vossa esposa”**. Com efeito, vários anos antes havíamos perdido **um fraldiqueiro** ao qual éramos muito afeiçoados e **que já havia sido visto conosco, em outras sessões, por médiuns clarividentes**. Inútil é acrescentar que o médium não podia saber nada disso.

Numa outra sessão com o mesmo médium, sessão cuja ata foi publicada na *Light* (1921, p. 490), o sr. A. J. Wood diz:

Levei à sessão um dos meus amigos, acompanhado de sua esposa. A Sra. Wriedt descreveu, com muita precisão, **um cão da raça collie que ela percebia ao lado desses meus amigos**. Num dado momento, dirigindo-se à esposa, o médium disse: **“Ele pousou a cabeça em cima dos vossos joelhos”**. No mesmo instante, ouvimos partir desse canto um latido forte e alegre. Ora, com efeito, **os meus amigos haviam possuído um cão collie**, grande favorito deles, **que morrera vários anos antes** e cuja descrição correspondia exatamente à feita pelo médium. ⁽¹¹⁴⁾

Embora Ernesto Bozzano tenha registrado esses 10 casos na sua obra, acreditamos que ele não os considerou como evidência indiscutível, em razão dessa sua fala:

Apresso-me a declarar que **as pesquisas experimentais** sobre as **manifestações animais** tratadas nesta categoria **se acham ainda em condições rudimentares**, de modo que **esses fenômenos não podem ser ainda considerados sob um ponto de vista científico** e eu me contentarei em apreciar a questão para que não haja uma aparência de lacuna na minha obra. ⁽¹¹⁵⁾

Assim, ele comprova ser, de fato, um pesquisador consciencioso e bem cuidadoso na análise dos fenômenos: *a priori* não tinha todos eles como prova científica.

Da “Conclusões” de ***Os Animais Têm Alma?***, transcrevemos:

No que diz respeito às nossas repetidas afirmativas em favor da existência real das manifestações telepáticas nas quais os animais desempenham o papel de agentes ou de percipientes, assim como **os**

fenômenos de assombrção ou aparições de outra espécie, nas quais os animais são percipientes juntamente com o homem, **não parece nada científico levantar ainda reservas ou dúvidas**, pois os casos expostos nesta classificação bastam para provar o bom fundamento de nossas afirmações. Com efeito, **nos exemplos que relatamos, figuram as principais formas das manifestações de assombrção, aparições e os fenômenos supranormais similares.** ⁽¹¹⁶⁾

Estas considerações, logicamente, irreprocháveis, tinham, porém, ainda necessidade de uma **confirmação complementar no terreno experimental**. Se a hipótese da existência, nos animais, de **uma psique sobrevivente** à morte do corpo tem fundamento, **deveria haver casos de aparição *post-mortem* de fantasmas animais de uma maneira análoga à que se realiza para o homem**. Pois bem, **esta demonstração complementar é fornecida no decurso de nossa classificação** na qual foi citado um número suficiente de fatos desta espécie, onde **encontramos os mesmos traços característicos que servem como provas de identificação espírita nos casos correspondentes de fantasmas humanos**.

Chegamos assim a demonstrar a existência de dois grupos de fatos que constituem o problema a resolver, isto é, que,

na subconsciência animal, encontram-se as mesmas faculdades supranormais que existem na subconsciência humana e **que os fantasmas de animais mortos se manifestam como os fantasmas humanos**. Dever-se-ia então considerar que se conseguiu a demonstração necessária para provar a existência e a sobrevivência da psique animal. A hipótese em apreço não podia ser então considerada senão como cientificamente legítima, embora ainda apenas a título de hipótese de trabalho, esperando julgá-la como **uma verdade definitivamente adquirida para a ciência quando o acúmulo dos fatos** nos permita analisar a fundo este assunto tão importante. ⁽¹¹⁷⁾ (itálico do original)

Sim, não temos nenhuma dúvida de que ainda alguns confrades permanecerão “imunes” ou “refratários” aos argumentos do pesquisador Ernesto Bozzano, apesar de ele ter apresentado os fatos para os corroborar.

Nesse particular, a nosso ver, aqui também a sua pesquisa atende bem o que o Codificador disse a respeito de aguardar o futuro para quando se tiver reunido documentos suficientes e, diante deles,

decidir sobre a questão das manifestações de espíritos de animais.

Acrescentaremos, por oportuno, de **Os Animais Têm Alma?**, o seguinte caso registrado por Ernesto Bozzano:

Caso CXXIII - (Mediúnico) - [...] Reproduzo-o do vol. III, p. 130, dos *Proceedings of the Society for Psychical Research*. Ele faz parte do relatório do dr. Hodgson sobre **as experiências com a sra. Piper**. O sr. J. Rogers Reach escreve a respeito de suas próprias experiências o seguinte:

Entreguei em seguida à médium uma coleira de cachorro Depois de tê-la apalpado durante algum tempo, o **dr. Phinuit, guia espiritual da sra. Piper, declarou que a coleira pertencera a um cão do qual fui dono. Perguntei-lhe então se, na esfera espiritual, onde ele se encontrava, havia cães e me respondeu que havia milhares deles.** E acrescentou que procuraria **atrair a atenção de meu cão por meio de sua coleira.** Quando conversávamos, ele se interrompeu para me dizer: **“Eis que vem ele!** Penso que já sabe que estais comigo porque o vejo vir de muito longe”. **Descreveu-me então o animal ao qual me referia, descrição que correspondia exatamente à do meu cão, de raça collie.** Terminou dizendo-me: “Chame-o agora, sr. Reach”. Emiti um assobio pelo qual

tinha o costume de chamá-lo e Phinuit exclamou: “Eis que ele chega! Como corre! Como voa! Está **agora presente e pula alegremente em torno de vós. Como está feliz em vos rever! Rover! Rover! Não. Grover! Grover! É o seu nome**”. **Com efeito, o cão se chamava Rover, mas em 1884, mudei o seu nome para o de Grover** como recordação da eleição do presidente Grover Cleveland. ⁽¹¹⁸⁾

Aqui temos o Espírito Dr. Phinuit, guia espiritual da Sra. Leonora Piper (1857-1950), esclarecendo que *“uma das mais notórias médiuns da história do espiritismo, foi rigorosamente investigada por quase 25 anos por muitos cientistas de renome, como Sir Oliver Lodge, James Hyslop e o cético Richard Hodgson”* ⁽¹¹⁹⁾, que também corrobora a existência de animais no mundo espiritual, o que é confirmado com a manifestação do cão Grover que foi reconhecido pelo Sr. J. Rogers Reach, seu dono quando vivo.

Conclusão

No tópico “Estados Alterados de Consciência” do capítulo “VII – Poderes paranormais entre os povos primitivos” de ***A Transcomunicação Através dos Tempos***, veremos a opinião de Hernani Guimarães Andrade, assinando como Karl W. Goldstein, sobre uma outra pesquisa de Ernesto Bozzano:

Em dezembro de 1941, Ernesto Bozzano publicou uma de suas famosas monografias, intitulada *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*. Essa obra inicialmente de 350 páginas, alcançou a sua 3ª edição em 1946. **Como todos os trabalhos de Bozzano, a referida monografia consiste em uma variada e sólida coleção de fatos bem documentados concernentes a manifestações de fenômenos paranormais, por ele cuidadosamente catalogados.**

Os fenômenos paranormais focalizados na monografia citada ocorreram entre povos quase recentes e mesmo contemporâneos, alguns dos quais ainda possuem nível

cultural equivalente ao dos homens pré-históricos. Por isso, são denominados povos primitivos. ⁽¹²⁰⁾

Entre boa parte dos estudiosos espíritas se vê o reconhecimento de Ernesto Bozzano como um pesquisador de primeira linha, cujo método foi estritamente científico, razão pela qual nós outros somos forçados a pensar “milhares” de vezes para não aceitar algo que tenha concluído sobre os fenômenos psíquicos, utilizando-nos de linguajar comum na Parapsicologia.

Ernesto Bozzano, judiciosamente, disse: “**Os fatos** são fatos e **saberão impor-se** pela sua própria força, pouco a pouco, mau grado a tudo e a todos.” ⁽¹²¹⁾, notamos que esse teor tem tudo a ver com o pensamento de Allan Kardec.

Foi exatamente os fatos, por exemplo, que Ernesto Bozzano conseguiu levantar informações úteis a respeito dos animais, seja quanto à questão da erraticidade, seja quanto às possibilidades extrassensoriais que possuem e, finalmente, de suas materializações.

Temos feito o possível para divulgar as pesquisas de Ernesto Bozzano, mas, infelizmente, em geral, no meio espírita somente são estudadas as obras publicadas pelo Codificador, pois, do ponto de vista doutrinário, são apenas elas que “têm valor”, embora o próprio mestre de Lyon tenha afirmado que seriam outras pessoas que completariam os detalhes dos princípios concernentes da Doutrina dos Espíritos.

No formato digital, boa parte de suas obras poderá ser encontrada na Internet, o que favorece a qualquer pessoa a oportunidade de conhecer mais de perto a suas pesquisas.

A única coisa que pedimos a todos, que nos honrarem com a leitura desse nosso ebook, é que na sua avaliação levem em conta esta fala de Allan Kardec, constante da **Revista Espírita 1863**, mês de abril:

O preconceito, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque, então, tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de

contrário. Certamente não é o meio de chegar à verdade. (¹²²)

Referências bibliográficas

- ANDRADE, G. ***Perispírito: o que os espíritos disseram a respeito***. Capivari (SP): EME, 2012.
- ANDRADE, H. G. ***A Matéria Psi***. Matão (SP): O Clarim, s/d.
- BOZZANO, E. ***Animismo e Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.
- BOZZANO, E. ***Fenômenos de “Transporte”***. São Paulo: FEESP, 1995.
- BOZZANO, E. ***Os Animais têm Alma?*** Niterói (RJ): Lachâtre, 2004.
- BOZZANO, E. ***Povos Primitivos e Manifestações Supranormais***. São Paulo: Editora Jornalística FE, 1997.
- DE BONI, G. ***Vida e Obra de Ernesto Bozzano no Cinquentenário de Sua Atividade Metapsíquica***. In *Povos Primitivos e Manifestações Supranormais*, Bozzano, E., p. IX-XXX.
- FONSECA, A. F., SAMPAIO, J. R. e MILANI, M. (org) ***O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia***. São Paulo: CCDPE-ECM, 2014.
- GOLDSTEIN, K. W. ***A Transcomunicação Através dos Tempos***. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.

- IMBASSAHY, C. **A Missão de Allan Kardec**. Curitiba, 1988.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. (digital) Brasília: FEB, 2004.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- LAVARINI, C. **Geografia(s) do mundo espiritual**. In FONSECA, SAMPAIO e MILANI, *O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia*, p. 171-203.
- LEX, A. **Do Sistema Nervoso à Mediunidade**. São Paulo: Edições FEESP, 2009.
- MIRANDA, H. C. **O que desejamos fazer do Espiritismo**. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 2015.
- PEREIRA, Y. A. **À Luz do Consolador**. Rio de Janeiro: FEB, 1997.
- ZIMMERMANN, A. **Perispírito**. Campinas (SP): Allan Kardec, 2011.

Internet

CAPA, Ernesto Bozzano, disponível em:

<https://www.grupofeller.com.br/single-post/2019/11/11/ernesto-bozzano>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CCDPE-ECM, 9º ENLIHPE – Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo, disponível em:

<https://ccdpe.org.br/9o-enlihpe/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CCEPE-ECM, 10º ENLIHPE – Encontro Nacional da Liga de Pesquisadores do Espiritismo, disponível em:

<https://ccdpe.org.br/10o-enlihpe/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ENCYCLOPEDIA, De Boni, Gastone, disponível em:

<https://www.encyclopedia.com/science/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/de-boni-gastone-1908-1986>. Acesso em: 18 jun. 2025.

LACHÂTRE, *Ernesto Bozzano*, disponível em:

<https://www.lachatre.com.br/pagina/ernesto-bozzano.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.

LOUREIRO, C. B. *Ernesto Bozzano: relação cronológica de suas principais obras*, disponível em:

[http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Ernesto%20Bozzano/Ernesto%20Bozzano%20-%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20cronol%C3%B3gica%20de%20suas%20principais%20obras%20\(Carlos%20Bernardo%20Loureiro\).pdf](http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Ernesto%20Bozzano/Ernesto%20Bozzano%20-%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20cronol%C3%B3gica%20de%20suas%20principais%20obras%20(Carlos%20Bernardo%20Loureiro).pdf). Acesso em: 27 abr. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/animais-percepcoes-manifestacoes-e-evolucao-os-ebook>. Acesso em: 27 jun. 2025.

WIKIMEDIA COMMONS, *Ernesto Bozzano*, disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/26/Ernesto_Bozzano.jpg?20150514032658. Acesso em: 18 jun. 2025.

WIKIPÉDIA, *Ernesto Bozzano*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano. Acesso em: 18 jun. 2025.

- 1 No original constava: “*nasceu em Savona, província de Gênova, na Itália, no ano de 1861, e desencarnou em Gênova a 7 de julho de 1943*”, corrigimos as duas datas.
- 2 Nota da Transcrição (N.T.): O narrador refere-se à obra *Animismo e Espiritismo*, publicada em português pela editora FEB. (N. R.)
- 3 LOUREIRO, *Ernesto Bozzano: relação cronológica de suas principais obras*, disponível em:
[http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Ernesto%20Bozzano/Ernesto%20Bozzano%20-%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20cronol%C3%B3gica%20de%20suas%20principais%20obras%20\(Carlos%20Bernardo%20Loureiro\).pdf](http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Ernesto%20Bozzano/Ernesto%20Bozzano%20-%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20cronol%C3%B3gica%20de%20suas%20principais%20obras%20(Carlos%20Bernardo%20Loureiro).pdf)
- 4 LACHÂTRE, *Ernesto Bozzano*, disponível em:
<https://www.lachatre.com.br/pagina/ernesto-bozzano.html>
- 5 BOZZANO, *Fenômenos de “Transporte”*, p. VII-VIII.
- 6 WIKIPÉDIA, *Ernesto Bozzano*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernesto_Bozzano
- 7 BOZZANO, *Fenômenos de “Transporte”*, p. XI.
- 8 ENCYCLOPEDIA, *De Boni, Gastone (1908-1986)*, disponível em:
<https://www.encyclopedia.com/science/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/de-boni-gastone-1908-1986>
- 9 DE BONI, *Vida e Obra de Ernesto Bozzano no Cinquentenário de Sua Atividade Metapsíquica*. In *Povos Primitivos e Manifestações Supranormais*, Bozzano, E., p. XIII.
- 10 LEX, *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*, p. 88.

- 11 IMBASSAHY, *A Missão de Allan Kardec*, p. 103.
- 12 ANDRADE, *A Matéria Psi*, p. 18.
- 13 ANDRADE, *Perispírito: o que os espíritos disseram a respeito*, 194.
- 14 ZIMMERMANN, *Perispírito*, p. 180.
- 15 PEREIRA, *À Luz do Consolador*, p. 1142-145.
- 16 MIRANDA, *O que desejamos fazer do Espiritismo*, p. 30-31.
- 17 MIRANDA, *O que desejamos fazer do Espiritismo*, p. 42.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 122.
- 19 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 370.
- 20 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 156-155.
- 21 KARDEC, *A Gênese*, p. 39.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 285.
- 23 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 286.
- 24 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 301.
- 25 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 11-12.
- 26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 27.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 253.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 276.
- 29 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 473, p. 233;
KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, item 241, p. 262.
- 30 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIV, item 47, p. 260.
- 31 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 299.
- 32 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 300.
- 33 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 5.
- 34 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 8-9.

- 35 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 10-11.
- 36 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 163.
- 37 O 9º ENLIHPE ocorreu nos dias 24 e 25 de agosto de 2013, em São Paulo e o 10º ENLIHPE ocorreu nos dias 30 e 30 de agosto de 2014, em São Paulo (fontes: <https://ccdpe.org.br/9o-enlihpe/> e <https://ccdpe.org.br/10o-enlihpe/>, respectivamente)
- 38 Na verdade, a obra original em italiano são relatados trinta casos conforme edição da Maltese; não sabemos por quais motivos a FEB só citou dezessete.
- 39 N.T.: Convém notar, entretanto, que as obras da Codificação tiveram, além do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, a supervisão de Espíritos Puros, como o Espírito da Verdade, o que deu à Doutrina a característica da Terceira Revelação ou o Consolador prometido por Jesus (KARDEC, 1974)
- 40 LAVARINI, *Geografia(s) do mundo espiritual*. In FONSECA, SAMPAIO e MILANI, *O Espiritismo, as Ciências e a Filosofia*, p. 188.
- 41 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 45-46.
- 42 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 143.
- 43 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 157.
- 44 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 159.
- 45 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 159-160.
- 46 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 164.
- 47 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 182-183.
- 48 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 190.
- 49 BOZZANO, *A Crise de Morte*, p. 20-21.
- 50 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 21-23.
- 51 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 40-41.

- 52 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 47-49.
- 53 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 71.
- 54 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 73.
- 55 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 80-81.
- 56 N.T.: Do mesmo autor, Indagini sulle manifestazioni supernormali, vol. V. Città della Pieve, 1938. (N. do E.)
- 57 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 89-91.
- 58 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 102.
- 59 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 104-106.
- 60 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 108.
- 61 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 131-132.
- 62 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 134.
- 63 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 144-145.
- 64 N.T.: *Londres, 1928*, pág. 296.
- 65 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 147-148.
- 66 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 174-175.
- 67 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 175-176.
- 68 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 186-188.
- 69 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 204-205.
- 70 BOZZANO, *A Crise de Morte*, p. 239-240.
- 71 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 62.
- 72 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 86-87.
- 73 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 165-166.
- 74 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 219.
- 75 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 222.
- 76 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 224-226.
- 77 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 230.
- 78 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 233-237.

- 79 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 25.
- 80 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 88-89.
- 81 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 154.
- 82 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 104.
- 83 Referência à obra *Fox-Taylor Record*, que ele utilizou como fonte.
- 84 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 24-25.
- 85 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 64.
- 86 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 160-161.
- 87 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 167.
- 88 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 13.
- 89 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 16-17.
- 90 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 20.
- 91 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 38.
- 92 O termo constante do original é “immanente” que, certamente, significa “imanente” e não “imamente” como traduzido na publicação da Maltese.
- 93 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 63-64.
- 94 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 130.
- 95 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 181.
- 96 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 39.
- 97 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 247.
- 98 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 14.
- 99 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 76-77.
- 100 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 84-85.
- 101 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 92.
- 102 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 124.
- 103 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 136-137.
- 104 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 173.

- 105 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 75-76.
- 106 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 208-209.
- 107 SILVA NETO SOBRINHO, *Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/animais-percepcoes-manifestacoes-e-evolucao-os-ebook>
- 108 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 10.
- 109 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 10.
- 110 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 25-26.
- 111 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 121-122.
- 112 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 104-106.
- 113 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 133-134.
- 114 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 117-118.
- 115 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 115.
- 116 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 147.
- 117 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 148-149.
- 118 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 134-135.
- 119 CORREIO.NEWS, *A incrível mediunidade da Sra. Piper*, disponível em:
<https://correio.news/curiosidades/a-incrivel-mediunidade-da-sra-piper>
- 120 GOLDSTEIN, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 47.
- 121 BOZZANO, *Animismo e Espiritismo*, p. 14.
- 122 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 145-146.